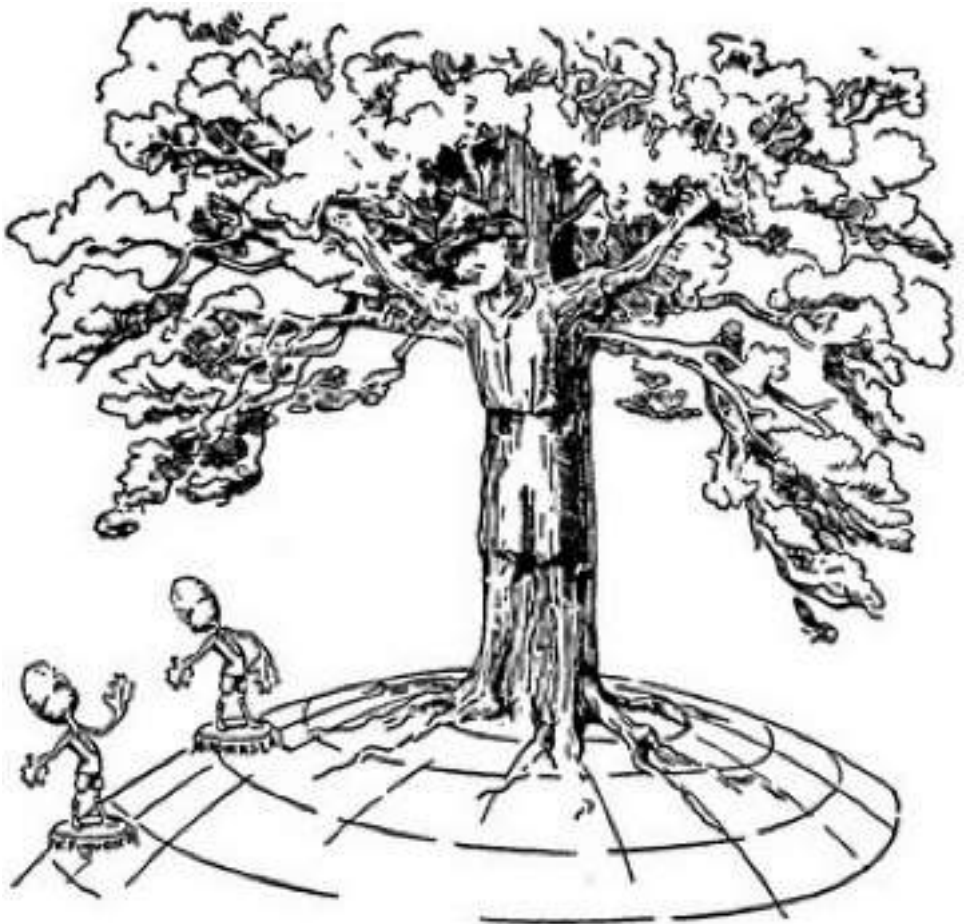


A possibilidade de recomeçar de novo



"Eu faço novas todas as coisas" Ap 21,15

Equipa do Caderno de Oração
da Comunidade Missionária Verbum Dei de Lisboa:

Filipa Baptista
Francisco Vallez
Manuela Cerejeira
Marta ValleS
Monica Maruny
Paulo Vieira
Missionária Pilar Alonso
Sofia Palminha
Padre Valter Malaquias
Missionária Ventura Adrover

3 | A possibilidade de recomeçar de novo

6 | **Parte I _Advento**

9 | 1º Domingo Advento - "A salvação já está entre nós"

13 | 2º Domingo Advento - "O Senhor está próximo"

17 | Imaculada Conceição - "Gratidão e Esperança"

23 | 3º Domingo Advento - "A Alegrai Cristã"

26 | 4º Domingo Advento - "Sim, CONFIO!"

29 | **Parte II _Natal**

33 | Natal - "A Luz brilhou nas trevas"

37 | Epifania - "A Estrela que seguimos"

42 | Sagrada Família - "A medida de Deus"

48 | Baptismo do Senhor - "Porque nada é indiferente para Deus"

51 | **Parte III _Crise ou oportunidade?**

52 | "Os tempos de crise que vivemos"

53 | "De que falamos quando falamos de santidade"

54 | "É na crise que damos o melhor de nós"

56 | "Ninguém nos disse que seria fácil mas também não é impossível"

61 | "Crise ou oportunidade de crescimento?"

64 | "Para quem a crise ainda não tocou à porta"

68 | "Crise e desafios"

70 | "Sejamos os discípulos de Emaús desta crise"

73 | **Família Missionária Verbum Dei**

74 | Calendário de Actividades

“A possibilidade de recomeçar de novo”

É com imenso gosto que vos oferecemos um caderno de oração com um formato muito mais bonito! Há anos (literalmente) que desejávamos reformatar o aspecto do caderno e se não fomos mais rápidos a actualizá-lo é porque sempre achámos que o essencial do caderno era o seu conteúdo, ou seja, as orações partilhadas!

Pensamos, contudo, que o novo formato pode ser mais um meio para que nos encontremos melhor com Deus e é esse o nosso mais profundo desejo.

"Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim"

Este domingo entramos no Advento! Aproximamo-nos, por isso, do Natal a passos largos e esta frase faz-nos pensar que agora é o momento de reiniciar tudo o que pode nascer de novo!

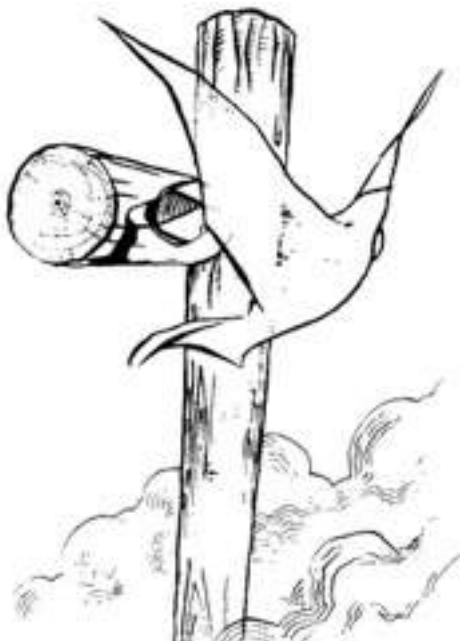
Como vão poder verificar, este caderno incide muito sobre O TEMA da actualidade – a crise que vivemos. Em 1º lugar vem-nos à ideia a crise económica por causa do desemprego, défice público e consequentes cortes nos benefícios salariais, fraco desenvolvimento económico, etc. Mas ao mesmo tempo estamos também a atravessar uma crise de valores, nomeadamente ao nível das relações humanas e da família.

E é engraçado como, ao percorrer os textos enviados para a elaboração deste caderno, tocá-vos a profundidade das orações partilhadas, como que a reforçar a ideia de que em tempo de grandes mudanças, são necessárias grandes opções e viragem nos comportamentos e formas de pensar!

Porque não são as facilidades que nos fazem crescer, as crises, essas, se encaradas com maturidade e humildade, podem ser momentos propícios para darmos uma volta na nossa vida e concentrarmo-nos no que é essencial e nos faz verdadeiramente felizes a todos.

Noutro dia uma senhora já muito velhinha dizia que, ao longo da sua vida, já tinha assistido a fases como esta, em que se tinha tido que atingir o fundo para recomeçar tudo de novo como deve ser!

Deixemo-nos tocar, por isso, pelo nascimento de Jesus uma vez mais. Talvez não numa perspectiva idílica de um Jesus loirinho ao colo de uma Maria linda com um manto azul bebé (como alguém referia numa das pistas) mas deixemo-nos antes tocar por um Jesus que se fez Homem, também e sobretudo numa cruz, perdoando-nos a todos e mostrando-nos que a vida começa exactamente quando aceitamos a vida tal como é, por mais difícil que ela seja!



“Se por um instante Deus se esquecesse de que sou uma marioneta de trapos e me presenteasse com mais algum tempo de vida, eu aproveitaria esse tempo o mais que pudesse.

Dormiria pouco, sonharia mais, porque entendo que por cada minuto que fechamos os olhos, perdemos sessenta segundos de luz.

Aos homens eu provaria quão equivocados estão ao pensar que deixam de se enamorar quando envelhecem, sem saberem que envelhecem quando deixam de se enamorar.

A um menino dar-lhe-ia asas e apenas lhe pediria que aprendesse a voar.

Aos velhos eu diria que a morte não chega com o fim da vida, mas sim com o esquecimento.

Tantas coisas aprendi convosco homens ... aprendi que todo o mundo quer viver em cima da montanha, sem saber que a verdadeira felicidade está na forma de subir a escarpa.

Aprendi que quando um recém-nascido aperta com a sua pequena mão, pela primeira vez, o dedo de seu pai, agarrou-o para sempre.

Aprendi que um homem só tem direito a olhar o outro de cima para baixo, quando está a ajudá-lo a levantar-se.

São tantas coisas as que pude aprender convosco, mas Deus tem-me ensinado o suficiente para continuar até quando Ele desejar.

Sempre existe um amanhã em que a vida nos dá outra oportunidade para fazermos as coisas bem, mas pensando que hoje é tudo o que nos resta, gostaria de dizer-te quanto te quero, que nunca te esquecerei.

O amanhã não está assegurado a ninguém, jovens ou velhos. Hoje, pode ser a última vez que vejas aqueles que amas. Por isso, não esperes mais, fá-lo hoje, porque o amanhã pode não chegar. Senão lamentarás o dia em que não tiveste tempo para um sorriso, um abraço, um beijo e o teres estado muito ocupado para atenderes esse último desejo.

Mantém junto de ti o ouvido o muito que precisas deles, o quanto lhes queres e trata-os bem, aproveita para lhes dizer, ‘perdoa-me’, ‘por favor,’ ‘obrigado’ e todas as palavras de amor que conheces.”

García Márquez em carta aos seus amigos

parte I

 advento

“Um diamante por lapidar”

A Igreja propõe-nos uma e outra vez, ano após ano, um caminho para receber e celebrar a vida - o Advento. Mas não é uma vida qualquer, é uma vida abundante capaz de fazer novas todas as coisas! Uma vida com sentido que nos traz felicidade, paz, horizontes, capaz de nos "arrastar" à força de amor e nos reposicionar perante Deus e perante o Mundo. O Deus que Jesus nos apresenta e nos dá a conhecer tem sonhos grandes para a nossa vida. Nestes tempos de crise que se vivem, em que o futuro parece mais sombrio, a vida de Jesus traz-nos novidade! Existem de facto dificuldades que são desafios à minha esperança, mas a própria vinda de Jesus dá-se no pobre, no espaço esquecido, escuro, ao abandono do resto do mundo, numa manjedoura! Este sentimento que a crise nos dá de que parece que estamos sózinhos, a remar contra o mundo que nos rodeia, que teima em não ajudar, é um pouco como este Deus que procura por todos os meios fazer-se próximo mas o homem mantém-se a olhar para o seu umbigo, com o seu comportamento egocentrista. A vinda de Jesus traz-nos novos projectos para as nossas vidas e mostra-nos como grandes projectos surgem de algo que parece estar em bruto, como um diamante por lapidar. Agora é tempo de preparar a vinda! O Senhor quer-se fazer próximo, o mais próximo possível da humanidade, tornar-se um de nós. O Senhor quer-se tão próximo que se quer "misturar" com a nossa vida, com o concreto, com as crises e desafios ultrapassados que cada um de nós

tem conseguido!
Estamos no Advento!
Tempo de respirar
fundo e enchermos o
coração de
esperança para que
Jesus nasça nele!



URGENTEMENTE

*É urgente o Amor,
É urgente um barco no mar.
É urgente destruir certas palavras
ódio, solidão e crueldade,
alguns lamentos,
muitas espadas.*

*É urgente inventar alegria,
multiplicar os beijos, as searas,
é urgente descobrir rosas e rios
e manhãs claras.*

*Cai o silêncio nos ombros,
a luz impura até doer.
É urgente o amor,
É urgente permanecer.*

Eugénio de Andrade

“A salvação já está entre nós”

Is 2, 1-5 *“Vinde, subamos ao monte do Senhor. Ele nos ensinará os seus caminhos e nós andaremos pelas suas veredas. (...) Vinde, caminhemos à luz do Senhor.” (Is 2, 1-5)*

Sl 121

Rm13, 11-14

Mt24, 37-44

“Chegou a hora de nos levantarmos do sono, porque a salvação está agora mais perto de nós do que quando abraçámos a fé. (...) Abandonemos as obras das trevas e revistamos-nos das armas da luz. (...) Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo.” (Rom 13, 11-14)

“Vigiai e estai preparados.” (Mt 24, 37-44)



Os grandes desafios da Palavra de Deus para o início deste Advento são muito claros:

Estar vigilantes, escutar a Deus, mudar de vida, converter-se a Ele, aprender a olhar o mundo com os Seus olhos e arregaçar as mangas para se pôr ao trabalho de transformar este mundo noutra realidade, mais humana, mais conforme ao sonho do coração de Deus.

Até a realidade desta crise que estamos a viver pode ser um desafio a viver tudo isto, de uma forma muito concreta.

Podemos e precisamos de ler estes “sinais dos tempos” com o olhar de esperança daqueles que acreditam que a salvação já está a acontecer e que este mundo não está perdido, como muitas vezes nos querem fazer crer.

Subamos ao monte do Senhor para ouvir a sua voz, para deixar que Ele **nos ensine o caminho** e possamos **viver à luz** do que Ele nos propõe.

Talvez, então, uma das atitudes a adquirir ou a aprofundar neste Advento seja **cultivar mais a oração**, a escuta atenta da Palavra de Deus e deixar confrontar a nossa vida com ela, para depois podermos pô-la em prática no concreto da vida.

Estarmos alerta, atentos, vigilantes e acordados, atentos ao essencial e não entretidos e perdidos no meio das preocupações quotidianas. As dificuldades presentes são uma tentação muito forte para nos fecharmos nos nossos (pequenos?) problemas e nos deixarmos distrair com isto e aquilo. Não é que essas coisas não sejam importantes, e até graves para muitas pessoas, mas também é importante ter presente que há mais vida para além das dificuldades do hoje e que um cristão tem horizontes de vida e de esperança muito mais amplos. Somos convidados a viver o presente, com os pés na terra, mas com os olhos postos na eternidade, como alguém que não tem aqui morada permanente.

Sabem, sinto que uma das coisas que as pessoas hoje mais precisam é de gente que viva com esperança, no meio das dificuldades. E nós, que a temos, podemos **ser essa porta de esperança para muitos**. Este é outro grande desafio deste Advento!

Abandonemos as obras das trevas. Tudo isto precisa de ser vivido no concreto e não apenas por dentro, senão a oração que fizemos vai ser inconsequente e estéril.

Quais podem ser as obras das trevas na nossa vida presente? Se calhar, aquilo que nos faz “velar” o rosto de Deus, em vez de o “revelar”: A desonestidade para compensar as dificuldades financeiras? Os atropelos ou jogos de influências para conseguir um emprego? A maledicência? O desinteresse pela vida pública, porque “é tudo uma cambada”? O desânimo? As falsas evasões, que nos atordoam, mas não resolvem nada? (...) Cada um saberá das suas...

Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo. Sinto que é nisto que consiste a conversão. E aqui precisamos (eu preciso) de muita humildade, porque é deixar que o Espírito Santo mude, em nós,

aquilo que precisa de ser mudado. Para isso, é preciso despojarmo-nos, abandonarmo-nos a Ele e deixá-lo trabalhar-nos e isso custa-nos muito. Como somos muito senhores do nosso nariz, queremos ser nós a fazer (aquilo que nós achamos) e, ainda por cima, ficar com os louros da nossa própria salvação. É claro que assim não funciona... É um exercício de abertura e acolhimento do que Ele quer dar e não do que nós achamos que tem de ser. Esta é a nossa parte do trabalho e a pouco e pouco Ele vai-nos revestindo de Si, dos Seus sentimentos, dos Seus critérios, para podermos **viver à luz d'Ele** e fazer as obras da luz.

Este pode ser um tempo de experimentar coisas nunca antes experimentadas, a nível pessoal e a nível comunitário, de pôr a criatividade que temos nos nossos trabalhos profissionais ao serviço dos outros e do crescimento humano e material de todos.

Na verdade, esta crise generalizada, em que estamos e estaremos por mais algum tempo, clama por homens e mulheres bem acordados, atentos à realidade e dispostos a envolver-se na busca de soluções ou, pelo menos, a minorar os seus efeitos na vida uns dos outros.

Os cristãos, pela sua própria identidade de filhos de Deus e irmãos de todos os homens, estão (têm de estar!) na linha da frente neste processo. Todos estes que vemos em dificuldades são “filhos muito amados” do nosso Pai e, portanto, nossos irmãos. O que fazemos ou o que podemos fazer? O que nos sugere a Palavra de Deus? Que luz nos dá para estes “sinais dos tempos” que somos convidados a ler? Que parte da solução nos é pedida?

A salvação já está no meio de nós e nós temos parte activa na sua realização.

Que o Senhor, que faz novas todas as coisas, nos faça homens e mulheres de esperança e nos inspire os modos e os caminhos para que ela se realize e venha a nós o seu Reino.

MARANATHA! Vem, Senhor!

Eu Tenho Um Sonho

(...) Digo-vos hoje, meus amigos, embora nos defrontemos com as dificuldades presentes e futuras, que eu ainda tenho um sonho.

Eu tenho um sonho de que, um dia, esta nação se erguerá e viverá o verdadeiro significado dos seus princípios: "Achamos que estas verdades são evidentes por elas mesmas, que todos os homens são criados iguais".

Eu tenho um sonho de que, um dia, nas rubras colinas da Geórgia, os filhos dos antigos escravos e os filhos dos antigos senhores de escravos poderão sentar-se juntos à mesa da fraternidade.

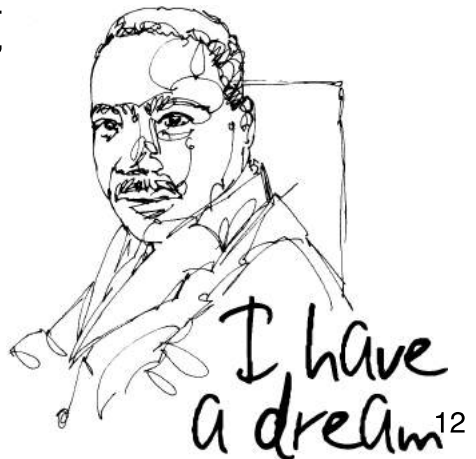
Eu tenho um sonho de que, um dia, até mesmo o estado do Mississipi, um estado sufocado pelo calor da injustiça e da opressão, será transformado num oásis de liberdade e de justiça.

Eu tenho um sonho de que os meus quatro filhos, um dia, possam viver numa nação onde não sejam julgados pela cor da pele mas sim pelo seu carácter.

(...) E quando deixarmos soar a liberdade, quando a deixarmos soar em cada aldeia e em cada lugar, em cada estado e em cada cidade, poderemos acelerar o advento desse dia em que todos os filhos de Deus, negros e brancos, judeus e gentios, protestantes e católicos, possam dar-se as mãos e cantar com as palavras do antigo espiritual negro:

"Livres, enfim! Livres, enfim.
Graças a Deus, Todo-poderoso,
somos livres, enfim.

Martin Luther King, Jr.



“O Senhor está próximo”

Is 11, 1-10

"Naqueles dias, apareceu João, o Baptista, a pregar no deserto da Judeia. Dizia: «Convertei-vos, porque está próximo o Reino do Céu.»

Rm 15, 4-9

Foi deste que falou o profeta Isaías, quando disse:

Mt 3, 1-12

*Uma voz clama no deserto:
Preparai o caminho do Senhor,
endireitai as suas veredas.*

João trazia um traje de pêlos de camelo e um cinto de couro à volta da cintura; alimentava-se de gafanhotos e mel silvestre. Iam ter com ele os de Jerusalém, os de toda a Judeia e os da região do Jordão, e eram por ele baptizados no Jordão, confessando os seus pecados. Vendo, porém, que muitos fariseus e saduceus vinham ao seu baptismo, disse-lhes: «Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da cólera que está para vir? Produzi, pois, frutos dignos de conversão e não vos iludais a vós mesmos, dizendo: 'Temos por pai a Abraão!' Pois, digo-vos: Deus pode suscitar, destas pedras, filhos de Abraão. O machado já está posto à raiz das árvores, e toda a árvore que não dá bom fruto é cortada e lançada no fogo.

Eu baptizo-vos com água, para vos mover à conversão; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu e não sou digno de lhe descalçar as sandálias. Ele há-de baptizar-vos no Espírito Santo e no fogo.

Tem na sua mão a pá de joeirar; limpará a sua eira e recolherá o trigo no celeiro, mas queimará a palha num fogo inextinguível.»



Evangelho deste 2º Domingo do Advento convida-nos à conversão, pela boca de João Baptista. Como na altura, o Senhor está perto, vem ao nosso encontro. O perigo é não darmos conta e deixarmos o Senhor passar-nos despercebido. Estamos às vezes tão “ocupados” e “preocupados” com tantas coisas, com o olhar tão fixo em nós mesmos e nos nossos próprios problemas, que é possível que o Senhor passe ao nosso lado sem nos apercebermos. Esta é cada vez mais a dificuldade para viver o Natal e a sua preparação: ficarmo-nos pelos preparativos externos, sem que haja uma preparação interior.

Os fariseus e saduceus íam ser baptizados por João, mas o seu coração não tinha mudado...por isso João dirige-lhes umas palavras tão duras; pede-lhes não somente o cumprimento de uns ritos externos, mas sobretudo frutos de conversão que Lucas, no seu Evangelho, concretizará como frutos de justiça e de caridade (Lc 3,1-18). A segurança não está, para os judeus, no facto de ser da linhagem de Abraão, ou para nós, em sermos cristãos, mas sim em dar uns frutos que procedem de um coração que se voltou para Deus.



Converter-nos é tomar essa atitude de voltarmos para Deus o nosso olhar e o nosso coração, de querer de novo pô-IO a Ele e à Sua Palavra no centro. Quem sabe é um bom momento para pararmos e olharmos para o peso que Jesus e o Evangelho têm na nossa vida concreta de cada dia. Não basta dizermos que somos cristãos, que já rezamos cada dia, que estamos

comprometidos numa comunidade, que fazemos muitas actividades... Perguntemos ao Senhor quais são os frutos concretos que o Senhor espera de nós.

Quem sabe tenhamos que mudar algumas coisas na nossa vida, rever opções,... mas quem sabe só teremos que voltar a focar o nosso coração. A chamada que recebemos de Deus, parece-se um pouco com a própria missão de João Baptista: ir anunciando a Boa Nova do Reino, da presença de Deus entre nós. Somente com essa Presença de Deus, que João sente como ameaçadora, nós sabemos que é Jesus; e sabemos, conhecemos, que Jesus não vem condenar, não vem apagar a chama que arde, nem quebrar a cana rachada (Is 42,3)..., sabemos que dá uma nova oportunidade à figueira que não deu fruto (Lc 13,6-9).

Converter-nos implica deixar que essa chamada volte a fazer-se actual em nós, e actualizar a nossa resposta.

A nossa conversão é também para os outros. Que a nossa vida e a nossa palavra sejam uma chamada à conversão, um convite para que cada pessoa se abra confiadamente à presença de Deus, presença sempre amorosa e salvadora, próxima e cheia de misericórdia...

O Senhor está próximo

Não terminamos de acreditar, Senhor, que tu estás próximo,
Que tu vens a nós, que vens sempre
Em cada sacramento e em cada encontro
Em cada alegria e em cada eucaristia, em cada dôr
e em cada amor,
Em cada criança e em cada pobre,
Em todos os irmãos e no Natal.

Tu estás próximo e ainda que te possamos palpar
Como o discípulo incrédulo
Estás aí e olhas-me com um amor que não explico.
Estás aqui encorajando-me.
Podes falar-me e dizer-me os teus segredos.
Podes baptizar-me no fogo do teu amor.
Podes mudar o meu coração e converter-me a Ti, e
converter-me em Ti.

Tu estás próximo. Não.
Tu estás dentro.
Não há distinção nem distância;
O meu eu já não tem sentido...
Eu não sou mais que em ti.
Não existo senão em ti.
Há um só eu: TU

"Gratidão e Esperança"

Gn 3, 9-15.20

Sl 97 (98)

Ef1, 3-6.11-12

Lc1, 26-38

Bendito seja o Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que no alto do Céu nos abençoou com toda a espécie de bênçãos espirituais em Cristo. Foi assim que Ele nos escolheu em Cristo antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis no amor, na Sua presença. Predestinou-nos para sermos adotados como seus filhos por meio de Jesus Cristo, de acordo com o beneplácito da Sua vontade, para que seja prestado louvor à glória da Sua graça, que gratuitamente derramou sobre nós, no Seu Filho bem-amado. É em Cristo, pelo Seu sangue, que temos a redenção, o perdão dos pecados, em virtude da riqueza da sua graça, que Ele abundantemente derramou sobre nós, com toda a sabedoria e inteligência. Ele manifestou-nos o mistério da Sua vontade e o plano generoso que tinha estabelecido, para conduzir os tempos à plenitude: submeter tudo a Cristo, reunindo nele o que há no céu e na terra. Foi também em Cristo que fomos escolhidos como Sua herança, predestinados de acordo com o desígnio daquele que tudo opera, de acordo com a decisão da Sua vontade, para que nos entreguemos ao louvor da Sua glória, nós, que previamente pusemos a nossa esperança em Cristo.



A festa de hoje é para ser celebrada com o coração agradecido, cheio de gratidão por aquilo que Deus faz por nós! Gratidão, porque olhamos a História e vemos como Deus foi preparando, desde sempre, o Seu encontro com os homens; gratidão, porque Ele nos cumula de bênçãos, todos os dias; gratidão,

porque Ele tem para cada homem um sonho de felicidade que ultrapassa largamente tudo aquilo que a nossa capacidade de sonhar pode alcançar! Além disso, gratidão, porque Jesus partilha connosco a Sua Mãe; gratidão, porque Maria nos ensina a ser agradecidos.

Maria descobriu a presença de Deus nos acontecimentos da sua vida e do seu povo. Percebemos isso muito bem se rezarmos (com ela!) o Magnificat (Lc 1, 46-55). Maria agradece a Deus porque pousou nela o Seu olhar e porque reconhece que o Seu amor se estende de geração em geração; porque Deus faz maravilhas; porque Ele protege os pobres e os humildes; porque é fiel às Suas promessas.

Para reconhecer a presença de Deus, é preciso um olhar atento e um coração aberto, como Maria.

Procuro discernir a acção de Deus na minha vida e à minha volta? Que leitura faço dos acontecimentos? Como encaro as situações de crise pessoais, familiares, sociais?... Onde está a esperança? Em quem ponho a minha confiança?...

Uma das leituras que a liturgia de hoje nos propõe (Efésios 1, 3 ss) é como uma oração de louvor (“Bendito seja Deus...”), de quem se sabe escolhido e abençoado. A nossa vocação é sermos “santos e irrepreensíveis no amor” – mas, como é possível ser assim? – perguntava-me.

Que vocação é esta a que Deus nos chama, que nos parece tão exigente, completamente inatingível para nós? O texto de São Paulo diz “santos e irrepreensíveis no amor, na Sua presença”: é este o segredo – a presença de Deus. Também Maria não teria sido como foi, nem vivido o que viveu se Deus não estivesse com ela. Deus não nos chama ao que não possamos responder; é Ele quem nos dá a capacidade para “na Sua presença”, isto é, com Ele, vivermos o que Ele nos desafia a viver, sermos o que Ele nos convida a ser. E isto não se consegue de um momento para o outro: é um projecto para toda a vida. Deus vai-nos preparando para isso e vai-nos dando os

meios para sermos fieis: “fomos escolhidos como sua herança, predestinados de acordo com o desígnio dAquele que tudo opera, de acordo com a decisão da Sua vontade”.

Perguntava-me, ao rezar este texto, o que quer dizer “previamente pusemos a nossa esperança em Cristo”. E vinha-me novamente à ideia a questão do tempo.

Quanto mais importante é uma ocasião, mais nos empenhamos nela, mais demoradamente a preparamos. Vejamos com que antecedência começam os noivos a preparar o casamento ou os pais a entrada do seu filho na escola...

Também foi assim com o nascimento de Jesus. Acontecimento maior da História humana, desde toda a eternidade foi “pensado” por Deus. Por isso, era preciso escolher com especial cuidado aquela que viria a ser a Mãe de Seu Filho; e era necessário preservá-la de todo o mal e de todo o pecado: porque ela ia acolher em si o próprio

Esta festa não é a memória de um facto: é a certeza de que Deus está sempre connosco, de que Ele não deixa nada ao improvisado, mas tudo faz “com toda a sabedoria e inteligência”; de que Ele age nos nossos corações e nas nossas vidas, para nos aproximar dEle e para nos fazer plenamente felizes, para nos cumular com “toda a espécie de bênçãos espirituais em Cristo”.

“Eu faço novas todas as coisas” é o lema da Comunidade Verbum Dei de Lisboa para este ano. Deixo que, também em mim e por mim, Deus faça novas todas as coisas? Como me abro aos Seus sonhos? Acredito que eles são de felicidade e plenitude? Como vivo esta vocação de sermos “santos e irrepreensíveis no amor”?

É em Jesus que Deus faz novas todas as coisas. E tudo começou com Maria, aquela que Deus escolheu e preservou, desde sempre; aquela que disse “sim”; aquela que, no seu coração tudo preparou, ao longo de meses, e, depois, também ao longo de anos – durante a vida pública de Jesus – para que Ele cumprisse a Sua missão: “conduzir os tempos à plenitude”.

Imaculada Conceição

É tradição que, no dia 8 de Dezembro de cada ano, o Papa preste homenagem a Nossa Senhora, juntamente com o povo da cidade de Roma. Nessa ocasião é também habitual que o Santo Padre ofereça à Virgem um cesto de rosas. Simbolicamente, as rosas podem expressar o que é belo e bom; mas, como não há rosas sem espinhos, aquelas flores representam igualmente as dificuldades e os sofrimentos. “À Mãe apresentam-se as alegrias, mas confiam-se também as preocupações, certos de encontrar nela o alívio para não desanimar e o sustento para progredir” – diz o Papa Bento XVI.

A entrega dessas rosas é sempre acompanhada de uma oração. São excertos de alguns desses momentos de consagração, de agradecimento e de súplica que aqui transcrevemos, para vos ajudar a rezar, ao longo do Advento.



"Anunciação", Fra Angelico

Desejamos agradecer-te, Virgem Mãe de Deus e nossa Mãe muito amada, pela tua intercessão em favor da Igreja.

Tu, que ao aceitar sem hesitações a vontade divina, te consagraste com todas as tuas forças à pessoa e à obra do teu Filho, ensina-nos a guardar no coração e a meditar em silêncio, como tu fizeste, os mistérios da vida de Cristo.

Tu, que fostes até ao Calvário, sempre profundamente unida ao teu Filho, que na cruz te deu como mãe ao discípulo João, faz com que também nós te sintamos sempre próxima, a cada passo da nossa existência, sobretudo nos momentos de sombras e de provações.

Tu, que no Pentecostes, juntamente com os Apóstolos em oração, imploraste o dom do Espírito Santo para a Igreja nascente, ajuda-nos a perseverar no seguimento fiel de Cristo.

08.12.2005

Ó Maria, Virgem Imaculada! Saudamos-te e invocamos-te com as palavras do Anjo: "cheia de graça" (Lc 1, 28), o nome mais bonito, com o qual o próprio Deus te chamou desde a eternidade.

"Cheia de graça" és tu, Maria, repleta do amor divino desde o primeiro momento da tua existência (...). Em ti brilha a dignidade de cada ser humano, que é sempre precioso aos olhos do Criador. Quem para ti dirige o olhar, ó Mãe, não perde a serenidade, por muito difíceis que sejam as provas da vida. Mesmo se é triste a experiência do pecado, quem a ti recorre redescobre a beleza da verdade e do amor e reencontra o caminho que conduz à casa do Pai.

"Cheia de graça" és tu, Maria, que aceitando com o teu "sim" os projectos do Criador, nos abristes o caminho da salvação. Na tua escola, ensina-nos a pronunciar também nós o nosso "sim" à vontade do Senhor, um "sim" que se une ao teu "sim" sem reservas e sem sombras. Dá-nos a coragem de dizer "não" aos enganos do poder, do dinheiro, do prazer; aos lucros desonestos, à corrupção e à hipocrisia, ao egoísmo e à violência. Nós sabemos que só corações convertidos ao Amor podem construir um futuro melhor para todos.

Virgem "cheia de graça", terna e solícita, mostra-te Mãe de todos e dá-nos Cristo, esperança do mundo!

08.12.2006

Ó Virgem Imaculada, neste momento gostaria de te confiar especialmente os "pequeninos": em primeiro lugar, as crianças, e sobretudo as gravemente doentes, os jovens em dificuldade e quantos padecem as consequências de pesadas situações familiares. Vela sobre eles e faz com que possam sentir, no carinho e na ajuda de quem está ao seu lado, o calor do amor de Deus!

Confio-te, Maria, os idosos sozinhos, os enfermos, os imigrantes que têm dificuldade em ambientar-se, os núcleos familiares que sofrem para equilibrar o orçamento e as pessoas que não encontram um emprego ou que perderam um trabalho indispensável para ir em frente. Ensina-nos, Maria, a ser solidários com quem está em dificuldade, a superar as desigualdades sociais cada vez mais vastas; ajuda-nos a cultivar um sentido mais vivo do bem comum (...) e a desempenhar, com consciência e compromisso, a nossa parte para construir uma sociedade justa e solidária.

Ó Mãe Imaculada, tu ajudas-nos a acreditar com maior confiança no bem, a apostar na gratuidade, no serviço, na não-violência, na força da verdade; encoraja-nos a permanecer acordados, a não ceder à tentação de fáceis evasões, a enfrentar a realidade, com os seus problemas, com coragem e responsabilidade. Assim fizeste tu, jovem mulher, chamada a apostar tudo na Palavra do Senhor. Sê mãe amorosa para os nossos jovens, para que tenham a coragem, e concede esta virtude a todos os cristãos, para que sejam a alma do mundo neste difícil período da História.

Virgem Imaculada, Mãe de Deus e nossa Mãe, intercede por nós!

08.12.2008

" Alegria Cristã "

Is35, 1-6a.10

“Alegrem-se o deserto e o descampado, rejubile e floresça a terra árida, cubra-se de flores como o narciso, exulte com brados de alegria. Ser-lhe-á dada a glória do Líbano, o esplendor do Carmelo e do Saron. Verão a glória do Senhor, o esplendor do nosso Deus. Fortalecei as mãos fatigadas e robustecei os joelhos vacilantes.” Isaías

Sal 145, 7.8-9a. 9bc-10

Tg 5, 7-10

Mt 11, 2-11

“És Tu Aquele que há-de vir, ou devemos esperar outro?». Jesus respondeu-lhes: «Ide contar a João o que vedes e ouvis: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e a Boa Nova é anunciada aos pobres” .



este tempo em que vivemos rodeados pela palavra crise a liturgia coloca-nos perante a alegria de sermos cristãos, pedenos para não perdermos a esperança. Isaías como sabemos não vivia nesta maravilha que profetiza, mas acredita na fidelidade de Deus e que Deus cumpre a promessa de aliança que fez com o seu povo, por isso apesar das dificuldades o anúncio é o da alegria de que está perto de ver a promessa realizada.

Num tempo em que tudo passa a correr, até os sentimentos, São Tiago pede que tenhamos paciência, pedido difícil para nós que na correria de todos os dias nos esquecemos desta realidade de todos os tempos, que o tempo é também um Dom de Deus que devemos pedir e usar para que a nossa vida seja mais de Deus e tenha em conta a vida e as necessidades dos nossos irmãos. Precisamos de voltar a por a palavra gratuidade na nossa vida quotidiana e fugir á tentação do egoísmo que nos cerca.

No Evangelho realiza-se a promessa de Isaías, a presença de Jesus é a nova realidade esperada, a concretização da promessa da aliança que Deus faz connosco. Os milagres são o sinal de que o Messias já chegou. Nós cristãos precisamos de ser sinal concreto desta realidade nova, a nossa vida está marcada por Jesus Cristo que nos ajuda a vivermos de acordo com a sua mensagem.

“O Verbo de Deus comunicou-nos a vida divina que transfigura a face da terra, fazendo novas todas as coisas (cf. Ap 21, 5). A sua Palavra envolve-nos não só como destinatários da revelação divina, mas também como seus arautos. Ele, o enviado do Pai para cumprir a sua vontade (cf. Jo 5, 36-38; 6, 38-40; 7, 16-18), atrai-nos a Si e envolve-nos na sua vida e missão. Assim o Espírito do Ressuscitado habilita a nossa vida para o anúncio eficaz da Palavra em todo o mundo. É a experiência da primeira comunidade cristã, que via difundir-se a Palavra por meio da pregação e do testemunho (cf. Act 6, 7). Quero citar aqui particularmente a vida do Apóstolo Paulo, um homem arrebatado completamente pelo Senhor (cf. Fl 3, 12) – «já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim» (Gl 2, 20) – e pela sua missão: «Ai de mim se não evangelizar!» (1 Cor 9, 16), ciente de que em Cristo se revela realmente a salvação de todas as nações, a libertação da escravidão do pecado para entrar na liberdade dos filhos de Deus.

Com efeito, o que a Igreja anuncia ao mundo é o Logos da Esperança (cf. 1 Pd 3, 15); o homem precisa da «grande Esperança» para poder viver o seu próprio presente – a grande esperança que é «aquele Deus que possui um rosto humano e que nos “amou até ao fim” (Jo 13, 1)». Por isso, na sua essência, a Igreja é missionária. Não podemos guardar para nós as palavras de vida eterna, que recebemos no encontro com Jesus Cristo: são para todos, para cada homem. Cada pessoa do nosso tempo – quer o saiba quer não – tem necessidade deste anúncio. Oxalá o Senhor suscite entre os homens, como nos tempos do profeta Amós, nova fome e nova sede das palavras do Senhor (cf. Am 8, 11). A nós cabe a responsabilidade de transmitir aquilo que por nossa vez tínhamos, por graça, recebido.” Verbum Domini (A Palavra de Deus)

Papa Bento XVI

"Sim, CONFIO!"

- Is7, 10-14 « *O nascimento de Jesus Cristo foi assim: Maria, sua mãe, estava desposada com José; antes de coabitarem, notou-se que tinha concebido pelo poder do Espírito Santo. José, seu esposo, que era um homem justo e não queria difamá-la, resolveu deixá-la secretamente. Andando ele a pensar nisto, eis que o anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos e lhe disse: “José, filho de David, não temas receber Maria, tua esposa, pois o que ela concebeu é obra do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, ao qual darás o nome de Jesus, porque Ele salvará o povo dos seus pecados.” (...) Despertando do sono, José fez como lhe ordenou o anjo do Senhor, e recebeu sua esposa.»*
- Sal 23, 1-2.
3-4ab. 5-6
- Rom1, 1-7**
- Mt 1, 18-24



A história presente nas leituras de amor entre Deus e os homens é parecida com a minha. Por vezes sinto dificuldade em dar testemunho deste amor, pela sua inocência, pureza, simplicidade.

Um homem e uma mulher, por conhecerem Deus com o coração, resolveram confiar no seu papel terreno de trazer Jesus ao mundo. Um profeta escutou a promessa de Deus e anunciou ao povo a vinda do messias. Deus, como sempre, é a garantia de fidelidade. No actual contexto nacional e internacional ouvem-se muitas vozes: Políticos, organizações, economistas conceituados. É fácil perdermos em dados díspares, análises enviesadas, tendências oportunistas. Surge-me uma pergunta que há séculos atormenta a humanidade: o que é a verdade? Em quem podemos confiar? A resposta a esta inquietação não pode ser dada por palavras, por homens com olhares convincentes perante as câmaras. É uma pergunta que apenas encontra explicações num lugar inócuo do meu

coração. É aí que encontro Deus e a sua promessa de fidelidade que atravessa gerações. Muitos Judeus e Católicos rezaram o Salmo 23: “O SENHOR é meu pastor: nada me falta”. Tê-lo-ão feito em situações de maior adversidade do que aquela em que nos encontramos hoje: nos cercos de Jerusalém, no exílio, nas doenças, nas guerras, nas perseguições. Gerações de homens rezaram e cantaram este salmo, talvez das leituras mais bonitas do antigo testamento, e colocaram estas palavras na sua vida. Poderia falar da métrica, das figuras de estilo desta composição poética, mas o que realmente me abre o coração é senti-lo como uma certeza, que se justifica em todos os momentos. Talvez até o sinta um pouco mais nos momentos de adversidade. Nessas alturas, por o ter rezado sobre a forma de canção ou oração, dou comigo a escutar: “O SENHOR é meu pastor: nada me falta”. José sendo Judeu deveria ter estas palavras junto ao coração e antes que o anjo lhe aparecesse em sonhos, deverá ter cantado em silêncio este Salmo. Por isso decidi não expor Maria à vergonha. O amor de Deus reconforta-me o coração nos momentos difíceis e de alegria. A partir desta certeza toda a realidade se desconstrói. O desespero encontra a esperança!

Este ano ficou marcado por acontecimentos bem mais nefastos que esta crise. Quando vi as primeiras imagens do sismo do Haiti a minha primeira reacção foi de olhar sem esperança para aquele povo destruído. Os jornalistas focalizavam-se na tragédia. Um, talvez por distração, filmou uma igreja em ruínas onde algumas pessoas se tinham juntado para rezar o terço. Que certezas poderão ter tido? Onde estava a verdade daquelas pessoas? Transpondo para o nosso canto do mundo tudo se relativiza. As nossas frustrações, que são muitas, adquirem um novo olhar. Como refere o profeta Isaías: “Não vos basta já ser molestos para os homens, senão que também ousais sê-lo para o meu Deus?”. Será que além de ter perdido alguma esperança no país, de desconfiar das soluções que me apresentam, também vou perder a minha fé? Não só em Deus Pai, mas no Deus que continua a fazer-se presente no coração dos que estão à minha volta e na sociedade em geral. A ausência de respostas de confiança para a nossa comunidade é um sinal de falta de fé neste Deus que é fiel às suas promessas. O que teria

acontecido se o profeta Isaías não tivesse escutado a promessa de Deus? E se o povo não tivesse acreditado no seu profeta? E se José desconfiasse de Maria? E se Maria tivesse dito que não queria? A actual crise não é apenas uma crise económica. De nada servem as leis quando se perde a confiança nas instituições, na economia e nas pessoas. Há mais fome na sociedade para lá do pão.

O SENHOR é meu pastor: nada me falta.

*Em verdes prados me faz descansar
e conduz-me às águas refrescantes.*

*Reconforta a minha alma
e guia-me por caminhos rectos, por amor do seu nome.*

*Ainda que atravesse vales tenebrosos,
de nenhum mal terei medo
porque Tu estás comigo.
A tua vara e o teu cajado dão-me confiança.*

*Preparas a mesa para mim
à vista dos meus inimigos;
ungiste com óleo a minha cabeça;
a minha taça transbordou.*

*Na verdade, a tua bondade e o teu amor
hão-de acompanhar-me todos os dias da minha vida,
e habitarei na casa do SENHOR
para todo o sempre.*

parte II

natal

“Depois da tempestade, vem sempre a bonança” ... acreditamos?

É sempre assim! Depois de uma forte chuvada, que pode durar muitos dias, é certo, o céu fica limpo e o sol aparece ainda que espreitando somente por entre as nuvens.

Quantas crises tivemos na nossa vida que fomos capazes de ultrapassar e até tirar delas lições positivas? Quantas vezes desesperámos para mais tarde descobrirmos que afinal nos preocupávamos com coisas que nem sequer chegaram a acontecer?

São levianas estas frases no contexto da actual crise que vivemos, quando tantas e tantas famílias desesperam com a sua situação financeira?

Não é seguramente em vão que assim escrevemos nesta introdução!

Este Natal vai ter um significado especial para muitos de nós, mas sem querer ofender ninguém, ainda bem! Porque todos os anos, quando começamos a ver as montras enfeitadas com motivos de Natal e quando nos supermercados começam a aparecer Pais Natal de chocolate ainda no fim de Setembro, vem-me à ideia que, se há alguém que seguramente não se esquece do Natal, é o comércio o o marketing das empresas!

Só que este ano, por força das circunstâncias, vamos viver este Natal mais centrados no essencial e que bom que assim é no sentido de nos afastarmos do materialismo exagerado que nos distrai do essencial.

E qual é o essencial do Natal?

O essencial do Natal é lembrar-nos que termos Alguém na nossa vida que nos ama incondicionalmente, é um enorme motivo de festa! É sabermos que, mesmo quando passamos por maus momentos, houve um Homem (Jesus) que nasceu entre nós e que, com o seu exemplo de vida única, devolveu-nos a alegria e a esperança para acreditarmos que ser feliz é possível apesar dos contratempos!

“A caridade eleva a criatividade até ao infinito, quem ama inventa sempre uma maneira de ajudar” D. António Couto

Se por causa da crise tivermos que nos concentrar mais no essencial, puxemos então pela imaginação e, em vez de nos

lamentarmos, sejamos astutos e estejamos atentos para ver em que situações concretas é que Jesus precisa nascer de novo nas nossas vidas e sejamos nós próprios os meios que isso aconteça!



“Aquele que está para além de todos os nomes conhece o teu nome”

Há uma lenda do Oriente sobre um viajante que se dirigia para uma grande cidade. Uma noite conheceu dois outros caminhantes. Um chamava-se Medo e outro Calamidade. Calamidade explicou ao viajante que, quando chegassem ao destino, esperava-se que matassem 10 mil pessoas. O viajante perguntou a Calamidade se iria encarregar-se sozinho de toda a matança.

“Não, de todo”, respondeu Calamidade. “Eu só vou matar umas centenas. O meu amigo Medo acabará com os restantes.”

Quanto da nossa vida é morta ou roubada pelo medo? Não aqueles medos de coisas como um holocausto nuclear, mas medos pequenos e insignificantes que lentamente devoram as melhores partes da vida: Será que o novo professor me vai detestar? De certeza que eles vão gozar com o meu discurso? Vou reprovar no exame!

Mas o medo não é o único ladrão que se esconde dentro de nós. Há um exército inteiro de pequenos parasitas que nos podem

enganar: ressentimentos causados por desfeitas ocorridas há muito tempo; zangas originadas por disputas fúteis; competição cruel por coisas secundárias; cortes de relações motivadas por teimosias acerca de questões irrisórias; decepções que debilitam toda a existência.

Como é que podemos escapar das garras deste ardiloso bando de gatunos? Podemos começar por fazer algo muito simples: levantar os olhos e olhar para o céu. Há 50 biliões de galáxias no espaço, algumas afastando-se de nós a milhões de km por hora! Com o telescópio Hubble podemos ver a luz que as estrelas mais distantes emitiram há 12 biliões de anos! Algumas já morreram há milhões de anos mas só agora é que a sua luz chega até nós. Parece que este imenso universo não tem fim, não tem margens, não tem limites! E ainda assim, com toda a sua vastidão e idade, não passa de uma criação, de algo feito por alguém.

E sobre este alguém, o Criador? Chamamos-lhe “Deus”, mas na verdade Ele é demasiado grande para ser nomeado ou sequer imaginado. Diante do Criador deste imenso e antigo universo, parecemos apenas pontinhos minúsculos. Mas mesmo assim Ele diz-nos que o nome de cada um de nós está escrito na palma da sua mão e que conhece todos os cabelos da nossa cabeça. Para além de toda a compreensão, chama-nos “filhos” e quer que façamos parte da sua família para a eternidade.

O que é que devemos temer? Se deixarmos que Deus seja Deus para nós, de que é que devemos ter medo? Quem nos pode tirar a vida? Ou a alegria? Ninguém, a não ser nós próprios!

Somos feitos à semelhança de Deus, com o poder de amar e dar vida e felicidade. O nosso trabalho para toda a vida, cada um à sua maneira, é este: darmos a vida uns pelos outros tal como Deus no-la dá continuamente.

O nosso destino está para além de todas as expetativas humanas. Que neste dia e para sempre Deus nos ajude a ser fiéis a esse fim último.

P. Dennis Clark, *In Catholic Exchange*

Trad. / adapt.: rm

© SNPC (trad.) | 07.11.10

“A Luz brilhou nas trevas”

Is 52, 7-10

Sal 97, 1-6

Heb 1, 1-6

Jo 1, 1-18

No princípio existia o Verbo; o Verbo estava em Deus; e o Verbo era Deus. No princípio Ele estava em Deus. Por Ele é que tudo começou a existir; e sem Ele nada veio à existência. Nele é que estava a Vida de tudo o que veio a existir. E a Vida era a Luz dos homens. A Luz brilhou nas trevas, mas as trevas não a receberam. Apareceu um homem, enviado por Deus, que se chamava João. Este vinha como testemunha, para dar testemunho da Luz e todos crerem por meio dele. Ele não era a Luz, mas vinha para dar testemunho da Luz. O Verbo era a Luz verdadeira, que, ao vir ao mundo, a todo o homem ilumina. Ele estava no mundo e por Ele o mundo veio à existência, mas o mundo não o reconheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a quantos o receberam, aos que nele crêem, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus. Estes não nasceram de laços de sangue, nem de um impulso da carne, nem da vontade de um homem, mas sim de Deus. E o Verbo fez-se homem e veio habitar connosco. E nós contemplámos a sua glória, a glória que possui como Filho Unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade.



Enho a Bíblia aberta nas leituras do Natal, vou fazer oração para preparar as minhas pistas para o caderno de Advento e Natal, mas o telefone toca e quando atendo, é para me recordar que esta noite na minha diocese começamos a celebração do acolhimento da cruz dos jovens, que é a cruz que o Papa Joan Paulo II entregou aos jovens para que a fizessem presente nas suas vidas

e a levassem por todo o mundo. Como o Papa vai estar em Espanha em Agosto de 2011 nas Jornadas Mundiais da Juventude, a cruz está agora a passar por todo o país. Temos muitas celebrações, vão ser 4 dias muito intensos com a cruz. Vamos ver como concilio as pistas do Natal com a vivência da cruz...

Quando estava neste dilema, na primeira celebração a que assisti, cantaram uma canção que diz “Cristo nasce em cada dia e por muito que queiramos matá-Lo, nascerá dia após dia, minuto a minuto em cada homem que queira aceitá-Lo”.

Era uma celebração à volta da cruz, mas a cruz não acaba na morte. É a ressurreição e a glória quem tem a última palavra, tanto na cruz como no nascimento. Se o nascimento de Jesus fosse só a vida de uma pessoa extraordinária que viveu 33 anos fazendo o bem, em permanente entrega e que depois morreu, ou melhor, que o mataram como consequência dessa vida e tudo acabasse aí, estaríamos perante a vida de um santo e não perante a vida do Filho de Deus - entendi nessa noite que o Natal de Jesus é um começo de Glória que culmina na Ressurreição passando pela cruz: na cruz Jesus renasce de novo.

Esta imagem da cruz e o Natal não me tem abandonado nestes dias e tenho visto em muitos rostos que íam perto da cruz para adorá-la, um novo nascimento: Jesus nascia de novo em crianças, jovens, adultos e àqueles que acreditamos, deu-nos a possibilidade de ver nascer filhos de Deus diante da cruz! Realmente sentia que era verdade a citação do livro do Apocalipse: “Eu faço novas todas as coisas” (Ap 21, 5) que é o mesmo que dizer: Em Jesus, desde Jesus, e com Jesus, o nascimento é diário.

Hoje, atrevo-me a dizer que a passagem da cruz pela minha cidade e também pela minha vida durante estes dias, tem-me dado um novo sentido para o Natal, eu que andava preocupada com o que escrever para estas pistas.

Simplesmente, vejo que Jesus, desde o seu nascimento, adquire Vida, Glória, Ressurreição na pobreza, na debilidade, na humildade,

na dor, na cruz. Como os nossos critérios são completamente opostos e procuramos a Vida, a Glória, a Ressurreição, no êxito, na força, no dinheiro, no poder! Não chegamos a entender os Seus caminhos e o Seu estilo de vida e ainda que sejamos “dos seus” não O recebemos porque O queremos de outra forma - não O reconhecemos.

Agora quando leio o prólogo de São João (Evangelho do dia de Natal) e tudo parece que ganha sentido, as peças do puzzle colocam-se todas no seu lugar. A teologia de João na sua profundidade, fala-nos de uma existência sem princípio nem fim; a Presença de Jesus, Palavra de Deus, o Verbo que desde sempre e para sempre, era Deus. Só com olhos de fé, e com muita humildade podemos reconhecê-lo. Temos perto de nós a luz verdadeira e caminhamos nas trevas, e muitas vezes confundimos as luzes e vamos atrás dos pseudo-deuses.

Tudo está explicado desde o princípio, mas é mesmo a vida com o seu ir e vir, com as suas esperanças e desesperos, alegrias e tristezas, amores e desamores que nos ensina verdadeiramente os caminhos e a que enche a nossa vida de autenticidade e não de experiências “light”. Se ficarmos a idealizar Belém, o presépio, os pastores, as ovelhinhas, o menino Jesus loirinho, ficamos sem perceber nada e é o que diz S. João “Ele estava no mundo mas o mundo não O reconheceu”. Só aqueles que não idealizam e vivem a vida com todas as suas conseqüências, chegando até à cruz, reconhecem que Cristo nasce cada dia e o faz nos lugares e nas pessoas mais insuspeitos, naquilo e naqueles que nunca iríamos imaginar.

Que este ano, possamos viver o Natal autêntico.

Vamos fazer deste Natal un nascer de novo de Jesus em todo o mundo.

Cristo nasce em cada dia
e por muito que queiramos matá-Lo,
nascerá dia após dia,
minuto a minuto,
em cada homem
que queira aceitá-Lo.
Haverá peixes que pescar
e mãos para trabalhar.
Não importará a tormenta,
pois Cristo acalmará.
Seguiremos na luta
por um mundo de irmandade.

Há muita terra semeada,
o tempo trará o seu fruto.
Já virá quem o recolha,
de momento trabalharemos.
E se o mundo se acobarda,
nós não calaremos.

“A Estrela que seguimos”

Is 60, 1-6

Sal 71, 2.7-

8.10-11.12-13

Ef 3, 2-3.5-6

Mt 2, 1-12

“Tendo Jesus nascido em Belém da Judeia, no tempo do rei Herodes, chegaram a Jerusalém uns magos vindos do Oriente. E perguntaram: «Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo.» Ao ouvir tal notícia, o rei Herodes perturbou-se e toda a Jerusalém com ele....Então Herodes mandou chamar secretamente os magos e pediu-lhes informações exactas sobre a data em que a estrela lhes tinha aparecido. E, enviando-os a Belém, disse-lhes: «Ide e informai-vos cuidadosamente acerca do menino; e, depois de o encontrardes, vinde comunicar-mo para eu ir também prestar-lhe homenagem.» Depois de ter ouvido o rei, os magos puseram-se a caminho. E a estrela que tinham visto no Oriente ia adiante deles, até que, chegando ao lugar onde estava o menino, parou. Ao ver a estrela, sentiram imensa alegria; e, entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, adoraram-no; e, abrindo os cofres, ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra.”



Esta leitura dos reis magos, chama-me sempre a atenção o facto dos reis seguirem uma estrela... nestes dias de correria, qual a estrela que ilumina o meu horizonte? Qual a luz que me atrai?... Ao preparar estas pistas, dava-me conta que ando um pouco perdida, vou deixando a Tua estrela um pouco perdida no meio das outras coisas que preenchem os meus dias... Perco-me no consumismo, nas roupas que me apetecia comprar para mim e para os miúdos, na correria casa – trabalho – natação – jantar – deitar os miúdos a horas – receber / apoiar os amigos – telefonar aos pais,

irmãos, à família – ir à revisão – ter paciência para os miúdos – ver um bocadinho de televisão – organizar a festa de anos do meu filho – fazer os trabalhos da escola... e já me perdi no meio de tudo isto... onde andas Senhor? Por onde anda a Tua estrela?... Será que é por isso que ando tão rabujenta?... Passo os dias a correr – parece que padeço do mal que aponto ao mundo, afinal!... É difícil parar,



Senhor e olhar para Ti e para os que pões no meu caminho!! Agora que rezo esta leitura, quando os reis encontram Herodes, também me surge a pergunta: quem são os meus “Herodes”? O que me afasta de Ti?... A minha “preguiça” ou a inércia que me invade quando consigo parar... O viver sozinha tantas situações ... Porque não peço ajuda, quando a posso ter? Às vezes, vivemos muito sozinhos, porque temos aquela ideia de que é assim que tem de ser – mas não temos de viver sozinhos para provar que somos capazes! ... Ajuda-me a ter a humildade de reconhecer que sim, preciso da tua ajuda, preciso da ajuda daqueles que colocas no meu caminho... Às vezes penso que evangelizar é “pregar” ao outro – mas tenho-me vindo a aperceber que também passa por deixar o outro ajudar-me, ensinar-me... Aprender a humildade e aprender a olhar o outro com essa humildade... Os reis oferecem o melhor que têm: o ouro, o incenso e a mirra... e eu, o que te ofereço, Senhor? ... Parece que temos medo de Te oferecer o melhor de nós mesmos Senhor! Porquê? Convidas-nos a darmos o melhor de nós mesmos, um presente que não estamos habituados a oferecer – nós mesmos, o nosso amor, a nossa amizade, o nosso bem querer, a nossa vontade, a nossa capacidade de perdoar, de recomeçar, de construir... Sem medo, com a certeza de que o vais aceitar! ... ajuda-me Senhor, a ser capaz! A ser capaz de te dar o meu ouro, o meu incenso, a minha mirra, a não ter medo de me entregar a Ti, aos outros... A ser capaz de celebrar a Tua chegada ao “meu” mundo!

Reflexão sobre a Oração

I

A oração é um prolongamento do acto de fé. Aquele que acredita em Deus, tenta dizer-Lhe alguma coisa. Diz-Lhe que O reconhece como Senhor. Diz-Lhe que quer servi-IO. Diz-Lhe que se reconhece como frágil e pecador, mas espera na Sua ajuda.

Estamos habituados a falar com amigos e até com desconhecidos e indiferentes. A conversa não morre porque o outro responde, com estima ou sem ela; ao menos, sentimos a alteração do seu rosto. Mas, aqui, não ouvimos resposta. Podemos prosseguir, pensando que, ao menos, oferecemos a Deus um pouco do nosso tempo. Em todas as religiões se pede aos fiéis que participem, com a frequência que entendam, em acções comunitárias de adoração e louvor. Em certas línguas estas acções são chamadas “serviços de oração”, e o nome não me parece incorrecto.

Mas o crente, e nomeadamente o cristão, que aprendeu com Jesus e tenta segui-IO, desejaria mais: uma intimidade com Deus mais a sós.

Há quem tente, e acabe por desistir: em vez de intimidade, sente a solidão e tem medo de perder a pouca fé que tem.

Ora importa não ignorar que, em toda a Terra, nas diferentes religiões, há milhões de homens, mulheres e crianças que aprenderam a rezar e prosseguem. É um facto, talvez mais visível nas grandes religiões: o hinduísmo e o budismo, o judaísmo, o islamismo e o cristianismo, embora não só. Em todas estas escolas se ensina que a oração é muito importante e é possível. Com a condição de que, aquele que começa, insista e seja humilde. O começo pode ser difícil, a aprendizagem pode demorar anos. Mas chega a altura em que o crente aprendeu a rezar. Continua a não “ver” Deus, nem tenta “senti-IO”. Mas perdeu o medo. Acredita que, nesse silêncio, está diante de Deus e é aceite por Ele. Pode agora estar muito tempo, minutos ou horas, a abrir-Lhe o coração. Sem ouvir nada, compreende que aprende. Como disse S. Agostinho,

aprende algo de Deus e aprende algo de si mesmo.

Em rigor, há duas explicações possíveis. Uma delas, é pensar que este estado de paz e confiança é um dom de Deus. Por dom de Deus, deixei de me sentir diante dum muro cinzento, acredito que estou diante dEle. A outra explicação possível é pensar que isto é simplesmente o resultado da pacificação do meu ser, e das possibilidades do meu inconsciente. Significativamente, o crente não precisa de se embulhar nesta discussão. Pensa que as possibilidades boas da condição humana são também fruto da criação de Deus. Não tem a pretensão de ter merecido um dom carinho especial do seu Senhor. Basta-lhe pensar que seguir o caminho indicado pelos outros crentes faz progredir a sua relação com Deus.

II

Para obter este dom, é preciso que o crente se atreva a começar; e, depois, a não desistir. Em primeiro lugar, tem de arranjar tempo. Hoje, não há tempo para nada, a não ser para ver televisão. Há que arrancar um quarto de hora a este poço. De manhã cedo, a meio do dia, à noite, tanto faz. Há, também, que encontrar um lugar. O meu quarto, uma igreja, uma janela aberta para o campo, para o mar, para as estrelas, tanto faz; mas, se possível, com pouco barulho. Confesso que embirro com as “técnicas” de preparação para a oração. Mas reconheço que se deve procurar um despojamento: sem considerar que as muitas preocupações da vida, projectos, desejos, são necessariamente maus, é bom pedir a Deus que me ajude por estes minutos a esquecê-los; ou que trate Ele dessas coisas, enquanto fico aqui.

É sensato não tentar julgar aquilo que se conseguiu ou não de cada vez que se tentou orar. Tentei de boa vontade, tive distrações e divagações. Não importa. Deus não precisa de discípulos perfeitos, eu não preciso dum diploma de perfeição. Ele me dê a graça de voltar amanhã, de não desistir nunca.

III

Há uma coisa fundamental: Orar não é procurar “ver” coisas extraordinárias, muito menos “sentir” experiências extraordinárias. Isso é a má “mística”, isso é a perversão da oração. Orar é procurar servir Deus de maneira humilde, aprender com Ele alguma coisa, se Ele quiser ensinar-me. Mas uma coisa me ensinou a experiência dos grandes orantes, em geral Deus não parece interessado em arrancar os homens à normalidade da condição humana. O que quer, é que vivam mais a sério a sua vida na Terra. Sem dúvida, o crente pode ansiar por ver a Deus no céu; mas tem de ter a paciência de esperar pela vida eterna. O Pai enviou à Terra o seu Filho para estabelecer com os homens a Nova Aliança; mas Jesus, o Filho de Deus, deixou no armário do céu o seu poder e a sua glória e veio conversar connosco à maneira humana. É verdade que se conta na Igreja que certos santos receberam de Deus revelações extraordinárias; mas um mais célebres destes santos, S.João da Cruz, insiste muito em que ninguém deve desejar estes dons.

IV

Há muitas maneiras de rezar, e é um erro sonhar com estilos elevados de oração. A oração boa é aquela que nos coloca, simples e desarmados, diante de Deus.

Padre João Resina

“A medida de Deus”

- Sir 3,3-7.
14-17^a** *“O que honra o pai alcança o perdão dos pecados, e quem honra a sua mãe é semelhante ao que acumula tesouros. Quem honra o pai encontrará alegria nos seus filhos e será ouvido no dia da sua oração. Quem glorifica o pai gozará de longa vida e quem obedece ao Senhor consolará a sua mãe. Quem teme o Senhor honrará seu pai e servirá, como a seus senhores, aqueles que lhe deram a vida.”*
- Sal 127 (128),
1-2.3.4-5
- Col 3,12-21
- Mt 2,3-15.
19-23
- “ Como eleitos de Deus, santos e amados, revesti-vos, pois, de sentimentos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de paciência, suportando-vos uns aos outros e perdoadando-vos mutuamente, se alguém tiver razão de queixa contra outro. Tal como o Senhor vos perdoou, fazei-o vós também. E, acima de tudo isto, revesti-vos do amor, que é o laço da perfeição. Reine nos vossos corações a paz de Cristo, à qual fostes chamados num só corpo. E sede agradecidos. A palavra de Cristo habite em vós com toda a sua riqueza ...E tudo quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando graças por Ele a Deus Pai.”*
- “O anjo do Senhor apareceu em sonhos a José, no Egípto, e disse-lhe: «Levanta-te, toma o menino e sua mãe e vai para a terra de Israel, porque morreram os que atentavam contra a vida do menino.»*

Senhor, o primeiro convite que nos fazias nas leituras de hoje é a honrar (= respeitar, segundo o dicionário) o outro. Falavas em honrar/respeitar os pais no dia em que se celebra a sagrada família; falas do respeito ao outro mesmo na fragilidade do outro..”filho ampara na velhice o teu pai..se a sua mente enfraquece, sê indulgente para com ele e não o desprezes tu que estás no vigor da vida”.. Nos dias de hoje acho que faz todo o sentido em falar de respeito. É curioso que uma leitura como esta do antigo testamento seja tão actual. Eu não sei muito dos costumes culturais da época, mas a ideia que tenho é que nalgumas culturas mais antigas os idosos eram respeitados e venerados pela sua experiência de vida e sabedoria. Pois a leitura parecia-me assim mais escrita para os tempos de hoje, em que os pais quando idosos são tantas vezes negligenciados. Acho que nos poderíamos questionar sobre qual o nosso respeito ante a fragilidade..a fragilidade que pode existir em qualquer idade.. que pode ser a fragilidade da idade avançada, associada a uma lentificação física e psíquica para a qual muitas vezes não se tem paciência, a fragilidade da doença física, as demências, os atrasos mentais, a doença psiquiátrica,..no fundo a diferença. Como lidamos com a diferença?

Nos dias que correm falar de respeito pelo outro é também falar de respeito nas relações..em termos profissionais oiço tantas coisas que às vezes são vividas com tão pouca culpabilidade, com tão pouca sensibilidade dos danos que fazemos ao outro, tantas faltas de respeito às pessoas que um dia dissemos amar e que acabam a ser usadas consoante os nossos humores,..tanta mentira e egoísmo, tão pouca sensibilidade de que aí estamos a crucificar o outro e a Jesus..Como respeitamos os outros? Senhor dá-nos o teu Espírito, a tua sensibilidade para que possamos discernir as nossas intenções e acções..

Vivemos numa sociedade às vezes tão desumanizada que só o viver o ditado “o não faças aos outros aquilo que não gostavas que te fizessem a ti” já era tanto..Mas o Senhor convida-nos a muito mais do que isso..na segunda leitura convida-nos a uma atitude de

misericórdia, bondade, humildade, mansidão e paciência. Misericórdia segundo o dicionário é uma atitude bondosa e de compaixão e esta última, segundo o mesmo dicionário, é a compreensão do estado emocional do outro..Que diferença se em vez de me preocupar com o que sinto me preocupasse com o que o outro sente?!Se face ao que o outro me diz eu me colocasse na sua pele e tentasse perceber o porquê o faz..

“Suportai-vos e perdoai-vos tal como o Senhor nos perdoa”..Não é um convite a um perdão à minha medida mas à medida de Deus..e se eu olhar como Deus me perdoa? Que vejo? Um Deus que me perdoa sempre, porque me ama incondicionalmente. E esse perdão cura porque é o perdão de um amor incondicional.. Que difícil Senhor perdoar e amar aquilo que não gosto no outro e que me magoa..a minha experiência contigo Senhor é que só mudamos quando nos experimentamos amados e aceites como somos..mas é tão difícil fazer isso com o outro.. Só é possível como diz a Palavra do Senhor “se nos revestirmos da caridade” e “quando habita em nós com abundância a Palavra de Cristo..para vos instruídes e aconselhades uns aos outros com toda a sabedoria”..Só quando habita em nós o amor de Deus é possível..assim como só quando é a palavra de Deus a iluminar os nossos sentimentos, acções, intenções..Também me questionava como aconselho? Com a minha “sabedoria” ou com a sabedoria da palavra de Deus? (só aconselho com verdadeira sabedoria se esta for dada pela Palavra de Deus).

Para terminar uma última nota sobre o Evangelho..chamava-me à atenção “o anjo do Senhor apareceu em sonhos” e José segue o sonho..um sonho é algo que normalmente não valorizamos...para mim este é um exemplo de delicadeza, de atenção às intuições do Espírito do Senhor..que surgem aonde menos valorizamos e que às vezes nem damos conta..e esta fidelidade às pequenas intuições só é possível se se viver numa atitude de humildade e sem a auto-suficiência de achar que sabemos tudo..mas na pobreza de que dependemos de Alguém para nos indicar qual o caminho..

Também me apercebia que estes pequenos detalhes foi o que Jesus

foi captando e aprendendo da vida de Maria e José..mais que palavras, a fidelidade com que viviam..o que queremos passar aos nossos filhos?

Também me ajudava confrontar as dificuldades que Jesus e a sua família viveram desde o seu nascimento com as promessas do salmo, que fala da felicidade de quem segue os caminhos do Senhor “serás feliz e tudo te correrá bem” não porque a vida daqueles que seguem o Senhor seja fácil mas porque quando se vive com o Senhor e do Senhor, alimentando-nos do seu amor, a vida ganha outra qualidade, outra luz, outra esperança..e a realidade pode ser a mesma, mas muda a forma como a vivemos..

Um pequeno conforto

A história é esta: uma mulher vai a uma pastelaria de um centro comercial encomendar um bolo para o aniversário do filho. Como qualquer um de nós faria, deixa lá o seu nome e um contacto telefónico. Só que, exatamente na manhã do aniversário, o miúdo é atingido por um automóvel, entra em coma e morre. O pasteleiro não faz ideia do que se passa. Sabe apenas que aquela mulher encomendou um bolo que não veio buscar. Começa a persegui-la nos dias seguintes com chamadas anónimas. A mulher, por um acaso, descobre que é ele o autor dos telefonemas e, em pleno trauma pela morte do filho, decide ir com o marido ao Centro Comercial dar-lhe uma lição. No primeiro momento do encontro só se vê, de facto, o confronto da ira dela com o ressentimento do pasteleiro. Mas quando Ann diz o que ele não sabe, a fúria descongostiona-se dando lugar a outra coisa.

«-Deixem dizer-lhes a pena que sinto - disse o pasteleiro, pondo os cotovelos em cima da mesa. - Só Deus sabe quanto lamento. Oçam lá, eu sou apenas um pasteleiro. Não pretendo ser outra coisa... Isso não vai justificar aquilo que fiz, eu sei. Mas sinto profundamente... Têm de compreender que tudo se resume ao facto de eu já não saber como atuar. Por favor, deixem-me perguntar-lhes se posso encontrar perdão nos vossos corações?».

Fazia calor na pequena pastelaria. Ann e o marido tiraram os casacos. O pasteleiro colocou umas chávenas sobre a mesa. Eles sentaram-se. E, muito embora estivessem cansados e angustiados, começaram a ouvir o que aquele homem tinha para dizer.

«-Provavelmente, precisam de comer alguma coisa - disse o pasteleiro. - Espero que comam uns pãezinhos quentes, feitos por mim. Têm de comer e enfrentar a situação. Comer dá um certo conforto, numa ocasião como esta - disse ele».

Continuavam a escutá-lo. Comiam agora devagar um pão escuro e perfumado que o homem lhes abriu, sentiam com surpresa o seu gosto retemperador e delicado. Pela madrugada dentro, deixaram-se ali a conversar. As luzes fluorescentes do estabelecimento foram substituídas pela luz da manhã, que começou a escorrer pelas janelas.

Gosto muito deste conto de Raymond Carver e já o tenho repetido. O que aprecio nele é sobretudo mostrar como as cenas da vida quotidiana, mesmo as mais dramáticas, nos podem abrir aos grandes espaços da experiência interior. As palavras criam um clima de acolhimento e escuta. O alimento consola, enxuga as lágrimas. Dentro das personagens acontece uma espécie de ressurreição. De facto, quando a gente aceita que mesmo sobre aquilo que nos parece imperdoável há mais do que um ponto de vista, ou quando compreendemos que, em grande parte das situações, mais do que premeditação o que existe é ignorância, então estamos prontos para encontrar perdão nos nossos corações.

Torna-se finalmente claro que o conforto que falta à nossa vida é bem mais pequeno do que supomos. Basta-nos o conforto de atravessar ao lado de outros a nossa noite e assistir aí, esperançados, à chegada da manhã.

José Tolentino Mendonça

In DNotícias.pt

14.11.10



Jana Bouc

“Porque nada é indiferente para Deus”

- Is 42, 1-4. 6-7 «Eis o meu servo, a quem Eu protejo, o meu eleito, enlevo da minha alma. Sobre ele fiz repousar o meu espírito, para que leve a justiça às nações. Não gritará, nem levantará a voz, nem se fará ouvir nas praças; não quebrará a cana fendida, nem apagará a torcida que ainda fumega: proclamará fielmente a justiça. » Is 42, 1-3
- Sal 28 (29)
- Actos 10, 34-38
- Mt 3,13-17 «Na verdade, eu reconheço que Deus não faz acepção de pessoas, mas, em qualquer nação, aquele que O teme e pratica a justiça é-Lhe agradável. » Act 10, 34-35
- «Deixa por agora; convém que assim cumpramos toda a justiça». Mt 3, 15



Justiça de que nos falam as leituras não é a dos homens, encerrada em códigos indecifráveis que suscitam dúvidas constantes. Nestas leituras, o “justo” é o que sabe escutar a palavra de Deus e a põe em prática. Não se limita a ler um livro, código ou manual, é aquele que está atento. A Justiça é a vontade de Deus que trará alegria ao homem.

À minha volta vejo cada vez mais a política do “salve-se quem puder”. A justiça passou a ser a arte de nos movermos nas lacunas da lei sem sermos apanhados. O bem comum, a verdade, o saber escutar e o ser manso constituem uma fraqueza, uma “desvantagem competitiva”, como é agora corrente dizer. Depois criam-se novas leis para supervisionar as que já existem e entram em contradição com as actuais. Criam-se sistemas que vigiam quem vigia como uma espécie de sistema informático que tudo controla e não permita falhas. Se calhar tarde de mais irão notar que esta sociedade não

tem fundamento. O Papa João Paulo II escreveu: “Sem interioridade o homem moderno põe em risco a sua integridade”. Na verdade muitas das soluções par a crise actual passam pela Justiça. Pela capacidade de não nos limitarmos a dar a cada um o que tem direito, mas entendermos que o nosso papel é o de amar e que cada pessoa encerra uma dignidade e desafio por descobrir. Isto apenas pode ser alcançado por uma consciência atenta ao próximo e aos seus problemas. Perceber que Jesus, a promessa do Messias da leitura do livro de Isaías, não é o “que grita nem levanta a voz”. Também no Evangelho, em que Jesus vai ter com João para receber o baptismo, Ele quer demonstrar que a sua missão não é só escutar a Deus, mas também seguir e escutar os Homens. João não compreende esta atitude! Na verdade, trata-se apenas de mais uma prova de amor de Deus pelos Homens, mais um ensinamento de Jesus ao Mundo. Para se conseguir a Justiça é necessário saber ouvir e ser humilde.

Na segunda leitura encontra-se a chamada de atenção para outro paradigma do Mundo actual: o “tanto faz”. Embora todos sejamos filhos de Deus e chamados à santidade, independentemente do país, comportamento, e um sem número de factores, a Deus nada é indiferente. O que eu faço pode ou não ser agradável aos Seus olhos. Aqui reside uma diferença que, mais uma vez, poderia ser a primeira medida de combate à crise: perceber que não pode haver um sentimento de indiferença nos actos que praticamos. As coisas não são iguais nem para Deus nem para o Mundo. Comprar somente o que preciso, pagar o que devo, não enganar a minha empresa, ser leal, etc, são características que não podem advir de um governo ou lei. Têm de ser enraizadas naquilo a que chamamos cultura. Para isso, é necessário que nós, cristãos, saibamos transmitir estes valores pelo testemunho de Cristo. Que não cruzemos os braços e deixemos essa enorme responsabilidade nas mãos de uma qualquer administração sem rosto.

O drama da cultura actual é a falta de interioridade, a ausência de contemplação. Sem interioridade a cultura é carente de interioridade, é como um corpo que não encontrou a sua alma. O que faz a humanidade sem alma? Lamentavelmente, conhecemos muito bem a resposta. Quando falta o espírito contemplativo não se defende a vida e adúltera-se tudo o que é humano. Sem interioridade o homem moderno põe em perigo a sua própria integridade.

A espiral da violência, o terrorismo e a guerra provoca, também nos nossos dias, ódio e morte. A paz é antes de tudo um dom do Alto que devemos pedir com insistência e que, além disso, devemos construir entre todos mediante uma profunda conversão interior. Por isso, hoje desejo pedir-vos que sejais realizadores e artífices de paz. Respondei à violência cega e ao ódio desumano com o poder fascinante do amor. Vencei a inimizade com a força do perdão. Mantende-vos longe de qualquer forma de nacionalismo exacerbado, de racismo e de intolerância. Testemunhai com a vossa vida que as ideias não se impõem, mas se propõem. Nunca vos deixeis desanimar pelo mal! Para isso tendes necessidade da ajuda da oração e do conforto que brota de uma amizade íntima com Cristo. Só assim, vivendo a experiência do amor de Deus e irradiando a fraternidade evangélica, podereis ser os construtores de um mundo melhor, autênticos homens e mulheres pacíficos e pacificadores.

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
NA VIGÍLIA DE ORAÇÃO COM OS JOVENS ESPANHÓIS
3/MAI/2003**

parte III

crise ou
oportunidade?

“Os tempos de crise que vivemos”

Vivemos um período de incerteza muito grande no nosso País.

Devemos muito dinheiro ao Exterior e como não estamos a gerir bem o nosso próprio país, aqueles que nos emprestam estão preocupados e não nos querem emprestar mais! Têm medo que não lhes consigamos pagar!

E para haver dinheiro para pagar aos que nos emprestaram é preciso ir buscar um pouco a todos, com maiores ou menores injustiças.

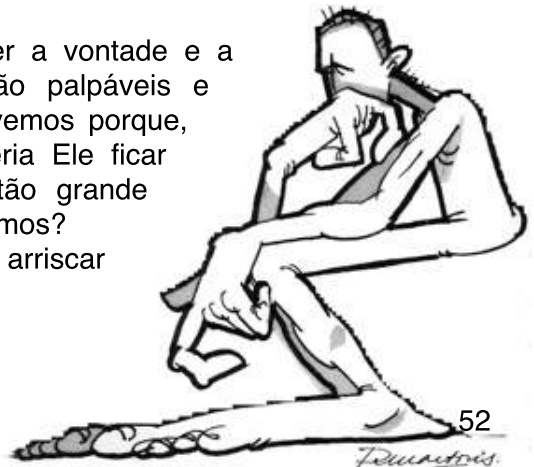
O próximo ano vai ser muito difícil com muitas pessoas a terem cortes nos salários, a perderem acesso ao abono de família, a perderem benefícios fiscais, a perderem o emprego, a manterem-se no desemprego, a terminarem o subsídio de desemprego...

Nestes momentos urge que apareçam pessoas livres para servir desinteressadamente, pessoas generosas que partilhem o que são e o que têm, pessoas corajosas que peçam ajuda para os que não têm voz e que denunciem o que vêem mal, pessoas com um profundo sentido para a vida, capazes de semear esperança e vontade de mudança à sua volta.

Nestes momentos de angústia colectiva é urgente para os crentes voltarem-se para Deus. De um encontro continuado com Deus e de um discernimento comunitário surgirão, por certo, as ideias e sobretudo a vontade e as forças para levar a cabo a missão de devolver a esperança e a fé em si própria, a uma sociedade que a perdeu!

Aceitemos o desafio de ver a vontade e a mão de Deus em situações tão palpáveis e concretas como a “crise” que vivemos porque, sendo Deus AMOR, como poderia Ele ficar afastado de uma situação de tão grande sofrimento como a que agora vivemos?

Que Deus nos ajude a arriscar confiar verdadeiramente Nele!



“De que falamos quando falamos de santidade”

Sophia de Mello Breyner naquele conto tão conhecido, “O retrato de Mónica”, explica que a poesia é-nos dada uma vez e quando dizemos que não ela afasta-se. O amor é-nos dado algumas vezes, e também se o recusamos ele distancia-se de nós. Mas a santidade é-nos dada todos os dias como possibilidade. E se a recusamos teremos de a recusar todos os dias da nossa vida, porque quotidianamente a santidade se avizinha de nós.

Contudo, fizemos da santidade uma coisa tão extraordinária, abstracta e inalcançável, que quase não ousamos falar dela. Muito menos no espaço público.

De certa forma, habituamo-nos a olhar para a experiência cristã como que acontecendo a duas velocidades: o caminho heróico dos santos e a frágil estrada que é aquela de todos os outros, e por maior razão a nossa. Ora esta concepção de santidade não pode estar mais longe daquilo que a tradição cristã propõe, pela qual pugnou e pugna. O Concílio Vaticano II, por exemplo, deixa bem claro: a santidade é vocação mais inclusiva e comum. Mas é preciso entender de que falamos quando falamos de santidade.

Bastar-nos-ia certamente ler as bem-aventuranças. Jesus não diz que os bens aventurados são os outros, os que não estão ali. Jesus olha para a multidão e começa a dizer: “bem-aventurados vós os pobres”, “bem aventurados vós os aflitos”, “bem-aventurados vós os misericordiosos”. O quê que isto quer dizer? Que são, no fundo, as nossas pobreza, fragilidades, aflições, mansidões, procuras de justiça, sedes de verdade, a nossas buscas por um coração puro, que dão a substância da bem-aventurança, a matéria da santidade.

É naquilo que somos e fazemos, no mapa vulgaríssimo de quanto buscamos, na humilde e mesmo monótona geografia que nos situa, na pequena história que dia-a-dia protagonizamos que podemos ligar a terra e o céu. Falar de santidade em chave cristã passou a ser isso: acreditar que a humanidade do homem se tornou morada do divino de Deus.

José Tolentino Mendonça – Teólogo

"É na crise que damos o melhor de nós"

"Crise" tornou-se uma das palavras mais pronunciadas nos dias que correm. E não é só de crise económica que se fala, mas também social, educacional, de valores... Com quantas situações de revolta, injustiça, angústia e depressão nos deparamos frequentemente?! Quer na nossa vida, quer na dos que nos rodeiam...

No entanto, não podemos ficar resignados, baixar os braços e desanimar! É urgente despertar com um olhar activo de esperança! Albert Einstein, inquestionavelmente uma mente brilhante, afirmou: "Quem atribui à crise os seus fracassos e angústias, está a atormentar o seu talento, dando mais atenção aos problemas que às soluções. (...) O desafio das pessoas e dos países é ter criatividade para encontrar as saídas e as soluções para os problemas. Sem crises não teríamos desafios, sem desafios a vida seria uma rotina, uma lenta agonia. (...) É na crise que damos o melhor de nós, porque sem crise toda a ventania é uma carícia. (...) Acabemos de uma vez com a única crise ameaçadora, que é a tragédia de não querer lutar para a ultrapassarmos."

De facto, de que vale andarmos tão empenhados em sobreviver quando somos chamados a viver?!... A vida não nos foi concedida para a olharmos com desânimo e insatisfação, como se de uma carga bem pesada se tratasse... E é em Deus que o nosso espírito agitado e desorientado encontra repouso, acolhimento e serenidade. O Seu desejo é que sejamos felizes, aqui e agora, em qualquer circunstância. Só temos que acreditar que somos seres muito amados, na Sua entrega por amor às nossas vidas...

Em Gal 5, 1 podemos ler "foi para a liberdade que Cristo nos libertou", isto é, deseja que nos libertemos das nossas limitações e inquietações humanas, convidando-nos a confiar no Seu amor, a viver na Sua intimidade, a intuir na oração a Sua vontade; a liberdade que nos propõe é bastante diferente da oferecida pelo mundo... Ele propõe-nos uma verdadeira libertação que emerge da nossa fé e que nos permite acolher/combater as adversidades da vida com coragem, com a certeza que não as ultrapassaremos sós

(1 Tm 1, 13). A fé fundamenta a nossa esperança. Somos chamados a viver perseverantes na fé (Heb 10, 23), partilhando-a com os outros, purificando-a e alicerçando-a continuamente. Ao deixarmos que o Seu amor entre nas entranhas profundas do nosso coração encontramos a felicidade, olhando pelos outros e para os outros com humildade e entrega.

No meu caso concreto, recebi recentemente uma notícia desfavorável, numa altura pouco propícia! Depois de terminada a lua-de-mel, quando nos sentimos fortalecidos para dar início a uma vida nova, surgiu o desemprego! Contudo, intempéries como essa não fazem abalar a nossa alegria de viver e de desfrutar uma vida em pleno! Sabemos que não estamos sós, que não Lhe somos indiferentes, em cada sentimento e em cada pensamento, aí estás Tu! A nossa fé tem um nome: Cristo!

Em suma, não experimentamos o abandono, pois no Amor encontramos “o lugar da tranquilidade imperturbável” (Santo Agostinho).



“Ninguém nos disse que seria fácil
mas também não é impossível”

É bom reflectirmos sobre algumas coisas em todos os momentos da vida mas eu diria que é mesmo muito importante reflectirmos em tempos difíceis, em tempos de confronto, em tempos de crise.

A propósito, fui consultar o dicionário para saber o significado exacto que é dado à palavra CRISE e entre outros, encontrei-me com estes significados: “Alteração para melhor, ou para pior, no curso de uma doença... momento perigoso ou decisivo, perturbação que altera o curso ordinário das coisas”.

“ Alteração para melhor ou para pior....” “momento perigoso ou decisivo...”.

Quer dizer que na verdade, durante um momento difícil ou de crise, podemos ir para “melhor ou para pior”, pode ser um momento “decisivo ou um momento perigoso”. A verdade é que, dependendo de como vivemos as diferentes situações e as diferentes circunstâncias da vida, dependendo do que consideramos essencial e das opções que fazemos de acordo com isso, saímos de uma situação difícil fortalecidos, humanizados e irmanados, ou saímos envelhecidos, desumanizados e amargurados.

Há muito tempo deparei-me com este refrão que nunca mais esqueci: “O homem é derrotado não quando fracassa, mas quando desiste”. Desistir, de quê? Poderíamos perguntar, e eu responderia: desistir de ser pessoa, desistir de ser justo, desistir de ser íntegro, desistir de ser eu próprio, desistir da força da vida, desistir da fé inabalável e da confiança de um Deus que é o Pai, é o Criador e é o Senhor da História, desistir, afinal, de viver os caminhos que nos garantem essa dignidade de homens/mulheres humanos/as e de inclinar a balança da humanidade para “o melhor” e para “o decisivo”.

Vejamos um destes caminhos.

Um dia perguntaram a Gérard Bessièrre, um padre francês, autor do livro “Jesus, o Deus surpreendente”, como fazia para estar

sempre contente. E Gérard confessou que isso não era verdade, que também ele tinha horas de tristeza, de cansaço, de inquietação, de mal-estar. E então insistiram, como é que está sempre a sorrir e o seu rosto e a sua vida parecem sempre iluminados? E Gérard, humildemente, confessou que frente aos problemas que, às vezes, carregava dentro de si, “conhecia o remédio, embora nem sempre o sabia utilizar: sair de si mesmo”, buscar alegria onde ela está (no olhar de uma criança, num pássaro, numa flor, na luz do sol que ilumina tudo...) e sobretudo interessar-se pelos outros, compreender que eles têm o direito de me ver alegre, e então entregar-lhes o fundo sereno que há na própria alma e que é maior que as dores, que as amarguras, que as contrariedades do dia a dia e da vida.

É bom experimentar que quando queremos fazer os outros felizes, mesmo não o sentindo no momento, essa mesma felicidade vai crescendo também para nós, com que em ricochete, no nosso interior.

Podemos descobrir a sabedoria de vida que encerram estas palavras. Para já, podemos constatar que ser feliz não é estar livre de problemas, mas conseguir que esses problemas, fracassos e dores não anulem a alegria e a serenidade da “base da alma”. Quer dizer: a felicidade não está nas circunstâncias externas, favoráveis ou desfavoráveis, mas “nos alicerces da alma”, nessa pedra sólida em que cada um se sente reconciliado consigo mesmo, cheio da segurança de quem sabe para onde vai e para que serve a sua vida, sabendo-se, sentindo-se, vivendo-se.... Nascido do Amor, “Ainda que o teu pai e a tua mãe te abandonem (isto é, os amores mais legítimos), Eu nunca te abandonarei” (Sl 27). Quando este “alicerce da alma” está bem construído, as tempestades podem-nos abanar, mas nunca fazer tombar.

A alegria exterior é fruto da solidez interior e da decisão de “servir os outros”, e não de “servir-se dos outros”. Quem passa a vida enroscado sobre si mesmo, auto-compadecendo-se e achando-se a maior vítima dos outros e da vida, abandonando-se ao derrotismo ou ao pessimismo, não pode estar alegre nem viver feliz.

Estará alegre sim, aquele que vive com os olhos bem abertos às maravilhas do mundo que o rodeia, à natureza, aos rostos das pessoas que encontra, ao gozo de poder trabalhar, de poder construir, de poder ser criativos...

O nosso mundo e nós próprios, teremos que voltar a descobrir que a felicidade começa a crescer-nos por dentro quando lutamos para a construir para os outros; que é uma dessas realidades “raras” que só possuímos quando a damos.

Então, CRISE... É oportunidade de arregaaçar as mangas e de tornar este momento um momento “decisivo para o melhor”, de sarar, não só uma sociedade e um mundo em crise, mas também uma sociedade “doente”, porque enroscada sobre si própria e asfixiada pela falta de horizonte e de sentido, por voos rasteiros e medíocres.

Será que uma “alma humanizada e humanizadora”, não está também a reclamar o “seu lugar”?

“Ninguém nos disse que seria fácil mas também não é impossível”

É bom reflectirmos sobre algumas coisas em todos os momentos da vida mas eu diria que é mesmo muito importante reflectirmos em tempos difíceis, em tempos de confronto, em tempos de crise.

A propósito, fui consultar o dicionário para saber o significado exacto que é dado à palavra CRISE e entre outros, encontrei-me com estes significados: “Alteração para melhor, ou para pior, no curso de uma doença... momento perigoso ou decisivo, perturbação que altera o curso ordinário das coisas”.

“Alteração para melhor ou para pior....” “momento perigoso ou decisivo...”.

Quer dizer que na verdade, durante um momento difícil ou de crise, podemos ir para “melhor ou para pior”, pode ser um momento “decisivo ou um momento perigoso”. A verdade é que, dependendo de como vivemos as diferentes situações e as diferentes circunstâncias da vida, dependendo do que consideramos essencial

e das opções que fazemos de acordo com isso, saímos de uma situação difícil fortalecidos, humanizados e irmanados, ou saímos envelhecidos, desumanizados e amargurados.

Há muito tempo deparei-me com este refrão que nunca mais esqueci: “O homem é derrotado não quando fracassa, mas quando desiste”. Desistir, de quê? Poderíamos perguntar, e eu responderia: desistir de ser pessoa, desistir de ser justo, desistir de ser íntegro, desistir de ser eu próprio, desistir da força da vida, desistir da fé inabalável e da confiança de um Deus que é o Pai, é o Criador e é o Senhor da História, desistir, afinal, de viver os caminhos que nos garantem essa dignidade de homens/mulheres humanos/as e de inclinar a balança da humanidade para “o melhor” e para “o decisivo”.

Vejamos um destes caminhos.

Um dia perguntaram a Gérard Bessière, um padre francês, autor do livro “Jesus, o Deus surpreendente”, como fazia para estar sempre contente. E Gérard confessou que isso não era verdade, que também ele tinha horas de tristeza, de cansaço, de inquietação, de mal-estar. E então insistiram, como é que está sempre a sorrir e o seu rosto e a sua vida parecem sempre iluminados? E Gérard, humildemente, confessou que frente aos problemas que, às vezes, carregava dentro de si, “conhecia o remédio, embora nem sempre o sabia utilizar: sair de si mesmo”, buscar alegria onde ela está (no olhar de uma criança, num pássaro, numa flor, na luz do sol que ilumina tudo...) e sobretudo interessar-se pelos outros, compreender que eles têm o direito de me ver alegre, e então entregar-lhes o fundo sereno que há na própria alma e que é maior que as dores, que as amarguras, que as contrariedades do dia a dia e da vida.

É bom experimentar que quando queremos fazer os outros felizes, mesmo não o sentindo no momento, essa mesma felicidade vai crescendo também para nós, com que em ricochete, no nosso interior.

Podemos descobrir a sabedoria de vida que encerram estas palavras. Para já, podemos constatar que ser feliz não é estar livre

de problemas, mas conseguir que esses problemas, fracassos e dores não anulem a alegria e a serenidade da “base da alma”. Quer dizer: a felicidade não está nas circunstâncias externas, favoráveis ou desfavoráveis, mas “nos alicerces da alma”, nessa pedra sólida em que cada um se sente reconciliado consigo mesmo, cheio da segurança de quem sabe para onde vai e para que serve a sua vida, sabendo-se, sentindo-se, vivendo-se.... Nascido do Amor, “Ainda que o teu pai e a tua mãe te abandonem (isto é, os amores mais legítimos), Eu nunca te abandonarei” (Sl 27). Quando este “alicerce da alma” está bem construído, as tempestades podem-nos abanar, mas nunca fazer tombar.

A alegria exterior é fruto da solidez interior e da decisão de “servir os outros”, e não de “servir-se dos outros”. Quem passa a vida enroscado sobre si mesmo, auto-compadecendo-se e achando-se a maior vítima dos outros e da vida, abandonando-se ao derrotismo ou ao pessimismo, não pode estar alegre nem viver feliz. Estará alegre sim, aquele que vive com os olhos bem abertos às maravilhas do mundo que o rodeia, à natureza, aos rostos das pessoas que encontra, ao gozo de poder trabalhar, de poder construir, de poder ser criativos...

O nosso mundo e nós próprios, teremos que voltar a descobrir que a felicidade começa a crescer-nos por dentro quando lutamos para a construir para os outros; que é uma dessas realidades “raras” que só possuímos quando a damos.

Então, CRISE.... É oportunidade de arregaçar as mangas e de tornar este momento um momento “decisivo para o melhor”, de sarar, não só uma sociedade e um mundo em crise, mas também uma sociedade “doente”, porque enroscada sobre si própria e asfixiada pela falta de horizonte e de sentido, por voos rasteiros e medíocres.

Será que uma “alma humanizada e humanizadora”, não está também a reclamar o “seu lugar”?

Crise ou oportunidade de crescimento?

Ouvi algumas vezes dizer : Crise ou oportunidade de crescimento?

Que sentido existencial para a crise? Há crises de crescimento, de maturidade, mas vamos à procura de novidade, de algo melhor.

Olho a minha vida e a de algumas pessoas e vejo que situações de crise vividas com olhar de esperança e apoio, foram de facto oportunidades para amadurecer, para compreender melhor as pessoas e a vida. Porém também sei de situações difíceis mal vividas, que deixaram marcas menos boas.

Todos escutamos notícias de problemas económicos no nosso país ...mas esse sinal é reflexo de muitas outras realidades a não funcionarem bem.

Mas nós estamos aí, nesta realidade concreta. E é aqui onde Deus quer vir, partilhar a sua luz, a sua Palavra, para que juntos encontremos meios de nos ajudarmos.

Recordo uma passagem do Evangelho, que sempre me tocou mais fundo e tinha-a como sonho ...para grupos de pessoas, para a humanidade

Palavra de Deus: “Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um. Como se tivessem uma só alma, frequentavam diariamente o templo, partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e tinham a simpatia de todo o povo. E o Senhor aumentava, todos os dias, o número dos que tinham entrado no caminho da salvação.» Act 2, 44-47

Que bom é tentar situar-me nesta realidade que as primeiras comunidades com Jesus nos apresentavam da vida. Aqui vejo um espaço que se abre, na possibilidade de buscar o essencial. Que dificuldades viviam eles? Onde buscavam o alento? Como se organizavam para que não lhes faltasse nada?

Senhor ajuda-me, ajuda-nos a sabermos colocar-Te no centro

das nossas vidas, para desde aí percebermos como viver em verdadeira fraternidade.

Porém poderás estar a pensar: pois isso é bonito mas a realidade que aí vem assusta-nos, dá-nos medo! Pois sim, então busquemos outra Palavra de Deus: “Jesus (...) subiu a um monte para orar na solidão. E, chegada a noite, estava ali só. O barco encontrava-se já a várias centenas de metros da terra, açoitado pelas ondas, pois o vento era contrário. De madrugada, Jesus foi ter com eles, caminhando sobre o mar. Ao verem-no caminhar sobre o mar, os discípulos assustaram-se e disseram: «É um fantasma!» E gritaram com medo. No mesmo instante, Jesus falou-lhes, dizendo: «Tranquilizai-vos! Sou Eu! Não temais!» Pedro respondeu-lhe: «Se és Tu, Senhor, manda-me ir ter contigo sobre as águas.» «Vem» - disse-lhe Jesus. E Pedro, descendo do barco, caminhou sobre as águas para ir ter com Jesus. Mas, sentindo a violência do vento, teve medo e, começando a ir ao fundo, gritou: «Salva-me, Senhor!» Imediatamente Jesus estendeu-lhe a mão, segurou-o e disse-lhe: «Homem de pouca fé, porque duvidaste?» E, quando entraram no barco, o vento amainou. Os que se encontravam no barco prostraram-se diante de Jesus, dizendo: «Tu és, realmente, o Filho de Deus!» Mt 14, 23-33

A vida é difícil e há alturas em que nos sentimos encurralados, num beco sem saída, em que parece que, por mais que nos queiramos mexer, não há um caminho à vista, não há uma saída – parece que estamos presos na nossa própria existência.

Quantas vezes é que a minha vida parece um barco á deriva? E em que situações experimento eu, ventos contrários, ou tempestades que se aproximam e me fazem ir ao fundo? O que é que eu, tu, não controlamos?

Falemos disto com Jesus ... afastemo-nos um pouco , paremos por uns instantes o nosso barco, e demos um tempo a sós com Ele. Ele é O Amigo, que não se importuna com nossos medos e inseguranças. Ele quer vir, acompanhar-nos nesta situação que tu, que eu, que muitos de nós vivemos. Ele quer dar ao teu coração

Palavras de conforto, de ânimo. Ele quer ajudar-nos para aos poucos criarmos uma relação de confiança em Deus Pai.

Quantas vezes a nossa situação de vida, de trabalho, de família, nos faz sentir que não controlamos como gostaríamos as situações, os relacionamentos. Mas Jesus está disposto a arriscar “vir ao meu, teu encontro” para nos dar uma mão amiga, para nos abrir caminhos mesmo no meio de situações menos boas.

Acreditas que Ele pode dar-te a coragem para enfrentares a situação que vives? A luz para teres criatividade e assim poderes viver em comunidade fraterna?

Peçamos-Lhe a sua mão para nos guiar por novos caminhos. Que o Espírito Santo nos leve a reconhecer Jesus, a procurá-LO.

Ensina-nos Jesus a confiar mais em Ti, e no Teu AMOR mais forte que os nossos limites.

E Tu Maria vem connosco a caminhar, a alimentar a nossa fé e a nossa caridade fraterna.

" Para quem a crise ainda não tocou à porta"

Pertenço àquele grupo de privilegiados a quem a crise ainda não tocou à porta.

Pelo contrário, fruto de ter crescido a viver com pouco, de muita oração, muitíssimas ajudas e empenho pessoal, vivo um momento de extrema "abundância" em todos os âmbitos:

- pessoal – vivo o gozo de estar bem na minha pele, como nunca; de ter saúde, de ter encontrado a minha vocação e as condições para a poder viver, de ter um trabalho que é serviço fraterno e bem remunerado, de me ser fácil viver na sobriedade...

- conjugal e familiar – vivemos um clima de harmonia, afecto, cumplicidade, entreajuda, que a todos, grandes e pequenos, nos trás agradecidos e com uma alegria profunda; ser família, nos últimos meses, tem tido "sabor a céu"...

- social e comunitário – experimento um sentido de pertença e de comunhão na luta pela construção de um mundo melhor onde, apesar de presentes todas as dificuldades e desencontros normais de uma vida em comunidade, o que sobressai é o enorme Amor de Deus que nos une, nos alimenta e dinamiza...

Tenho acompanhado as notícias da crise nacional e além fronteiras; no meu trabalho, graças a Deus, "toco" os seus efeitos em pessoas de carne e osso...Vejo-a não como uma crise mas como várias; não como uma crise de agora mas de há muito. Partilho algumas das crises a que sou mais sensível e nas que mais aspiro ver mudança:

- crise de identidade e de sentido para a viver – muitos seres humanos vivem perdidos, sem conhecer a sua grandeza enquanto ser humanos, sem se saber amados, sem descobrir o que verdadeiramente faz com que a vida que têm nas mãos faça sentido, valha a pena; sofre-se tanto!

- crise do sentido do outro – impressiona-me a desconfiança de tudo e de todos em que nos vemos obrigados a viver, fruto de tanto

desrespeito pelo outro, de tanta corrupção e mentira, de tanto aproveitamento para enriquecimento próprio...Tantas zangas, tantas mágoas, tão pouco perdão, tão pouca misericórdia...

- crise de Deus – afastámo-nos de moralismos, de obrigações e deveres, de rituais vazios...e ainda bem; o pior é que para muitos isso não foi acompanhado de uma viragem para o essencial e perderam também o Amor verdadeiro, seguro, não frágil que vence e responde a todas as dificuldades da existência humana...perderam o bom que é viver acompanhados e inspirados pelo espírito de Deus.

- e agora temos também a crise económica que para muitos significa apenas a perda de algum conforto e regalias (oxalá seja humanizante); mas, o pior é que muitos são afectados em áreas vitais que mexem com a subsistência básica, com a segurança mínima sem a qual é tão difícil viver.

A nós, privilegiados, o que se nos pede? Viver como irmãos, construir o Reino aqui e agora, que desafios nos lança ?

Ainda bem que existimos, porque podemos ser fonte de Vida para muitos! Que fazemos das/com as nossas riquezas?

Deixamo-nos envolver na onda de medo e insegurança e agarramo-nos aos nossos tesouros com medo que também a nós venha a faltar?

Procuramos soluções mágicas e grandiosas e como não as descobrimos ou não nos sentimos capazes delas, baixamos os braços, como se nada houvesse a fazer?

Ou voltamo-nos para Deus, dia a dia, certos de que de um encontro continuado com Ele e de um discernimento comunitário surgirão as ideias, a vontade e as forças para fazer o que urge ser feito?

É aqui que tenho apostado e onde quero permanecer.

Até agora estas foram as sugestões que tenho recebido da parte de Deus:

a) acreditar no valor de fazer o que está ao meu alcance fazer,

que tantas vezes me parece pequeno e pouco; aí ser fiel, fazer com o máximo amor que sou capaz, com confiança, generosidade e alegria; “quem é fiel no pouco também é fiel no muito” Lc 16,10

b) centrar-me no que é possível, no que existe de potencial e não ficar bloqueada nas dificuldades, contingências, impossibilidades;

c) confiar no Amor e poder de Deus - “no fim tudo acabará bem”/ “Deus é o dono da história”; “nada de verdadeiramente essencial se perderá, definitivamente”. Renovar cada dia esta confiança como forma de domesticar a ansiedade desencadeada pelas contrariedades;

d) pedir o dom de aprender a fundamentar a razão da nossa alegria/serenidade não nas coisas ou circunstâncias exteriores mas na certeza do Amor de Deus por cada Homem “...aprendi a ser autónomo nas situações em que me encontre. Sei passar por privações, sei viver na abundância...De tudo sou capaz naquele que me dá força” Fil 4, 11-13 ; “ Não vos alegréis porque os espíritos vos obedecem, alegrai-vos antes porque os vossos nomes estão escritos nos céus” Lc 10,20.

e) procurar ser espertos, criativos, empenhados, persistentes na procura de soluções “O Senhor elogiou o administrador por ter procedido com esperteza” Lc 16,8

f) “Feliz o homem que teme o Senhor e se compraz nos seus mandamentos...reparte do que é seu com os pobres” Sl 111. Onde, como nos chamas a repartir os bens que temos? Convidas-me a estar atenta às diferentes oportunidades que vão surgindo no meu dia; às necessidades daqueles que estão ao meu lado, que só eu conheço ...convidas-me a “curar” no imediato e a investir na prevenção, a longo prazo...

g) “ E este é o mandamento: que caminheis no amor” 2Jo 6- desejar e pedir o dom de dar passos na qualidade do amor que vivemos, na forma como o traduzimos, nos gestos, na entrega, na gratuidade;

h) “quem procurar salvar a sua vida há-de perde-la; e quem a perder, há-de conservá-la” Lc 17,30-33 “gravai, pois, no vosso coração, que não vos deveis preocupar com a vossa defesa...não se perderá um só cabelo da vossa cabeça” cf Lc 21, 7-19. Convidas-me a entregar-me sem medos, sem reservas; a fazer o que sou capaz de fazer, o que tem de ser feito, o que entendo da Tua parte dever fazer, com confiança, sem lamúrias; a não ter medo de “dar em excesso” e de aí me perder, ou do outro vir a abusar da minha entrega. Tu cuidas de nós e da nossa entrega!

Oxalá este tempo de crises se converta em Tempo de Ressurreições. Tenhamos Fé!

“Crise e desafios”

As crises são para nós um desafio a viver a espiritualidade da esperança e da confiança.

“O homem que confia em Javé é como uma árvore plantada junto da água – que lança as suas raízes para a corrente...” cf Jer 17,7-8

Onde está a nossa água?

Como estão as nossas raízes? – as raízes são a disponibilidade para acolher a voz de Deus, para a oração, para ter um coração capaz de ouvir e de sentir.

“Aquele que perder a sua vida – ganhá-la-á”... “É dando que se recebe”...

Nestes momentos difíceis a atitude não deve ser a do salve-se quem puder – mas a atitude de dar e receber – “Recebeste de graça, dai de graça.”

A atitude de Jesus é de quem parte e reparte do pouco para chegar a muitos.

A esperança activa necessária neste momento é a de dar pequenos passos na direcção certa de crescimento – ainda que os frutos imediatos não sejam visíveis – colocando sementes, somando contributos, agarrando todas as pequenas oportunidades de construir.

Creio que a fé de que Jesus falava na passada semana – do grão de mostarda, tem um pouco a ver com isto: pequenos passos com a segurança de vir a ser uma auto-estrada. Pequenas sementes para vir a ter uma árvore grandiosa.

Se formos a coisas concretas – que podemos fazer?

- olhar para o do lado, que está pior que eu e compadecer-se como Jesus e agir – não ter medo de perder algo, pois lançamos sementes para uma mudança de atitudes, de comportamentos.

- partilhar de forma real e efectiva - mas partilhar mesmo o dinheiro que por sorte posso ter; descobrir formas de o partilhar que dêem resposta mais directa às minhas convicções – porque acredito na forma como é gerido, nos frutos da sua aplicação, porque a minha partilha vai ter repercussão social e não só individual.

- não embarcar nesse jogo de fuga a impostos, aldrabar

vencimentos, etc. a fidelidade, a correcção em pequenas coisas para conseguir o crescimento efectivo para todos.

- e o que fazer dos políticos – dos que roubam – que não gerem bem?

Rezar por eles? Rezar por aqueles que nos ultrapassarão e serão capazes de agir com correcção. Pedir por melhores políticos e gestores, influenciar no que se pode e apoiar os que se decidirem a avançar.

- Em Jeremias a árvore tinha uma corrente ao pé – tinha lá as raízes e por isso mesmo em ano de seca produzia frutos.

Sejamos os discípulos de Emaús desta crise

Neste ano de 2010, estamos a viver uma profunda crise económica, que não abrange só Portugal, mas todo o mundo. A crise terá um efeito muito negativo em todos nós se não soubermos fazer um diagnóstico correcto da situação e não actuarmos rapidamente. Se enterrarmos a cabeça na areia, pensando que ela não nos vai afectar, ela terá repercussões muito grandes e afectar-nos-á a todos.

Com a crise, o equilíbrio mais ou menos precário que existia desapareceu e encontramos-nos numa situação em que é necessário pôr os nossos valores, ideais, maneira de viver em questão e ver o que precisa de ser mudado para que possamos encontrar um novo caminho viável em que todos nos encontremos o melhor possível, em vez serem apenas alguns a sofrerem quase todas as consequências

Para superar a crise, o factor decisivo é a nossa predisposição para pôr mãos à obra. Ela é o elemento catalizador de todo o processo de renovação necessário, ela é o ponto de partida para que tudo possa acontecer. Sem esta predisposição, vamos ficar parados, à espera que tudo passe, deixando que a situação se agrave, até que tudo atinja proporções em que é gritante a necessidade de mudança e em que as medidas a tomar serão drásticas. Quanto mais cedo nos dispusermos, cada um de nós, para a mudança, menores serão os danos da crise, mais fácil será a sua superação.

Para superar esta crise é necessário trabalharmos juntos e sermos solidários uns com os outros. Se há alguma característica que a nossa sociedade tem é a de ser a sociedade do conhecimento e das capacidades. A sociedade, como um todo, tem mais do que capacidades para superar esta crise.

Falta-lhe, é a capacidade de saber trabalhar em conjunto, ouvindo a sugestão do outro, respeitando a diferença, e trabalhar sem precisar de ver, de imediato, os resultados. Falta-lhe também a capacidade de ser gratuita, relativamente ao trabalho realizado. Os que têm mais capacidades intelectuais, força física e recursos financeiros têm de se dispôr a partilhar, gratuitamente, parte dos

seus talentos e recursos para que outros, menos afortunados, possam sair das situações de extrema dificuldade e miséria em que se encontram.

Em tudo isto, Deus não está parado e alheado do que vivemos e vem em nosso auxílio, como foi o caso dos discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35). Os discípulos de Emaús, estavam cansados e abatidos por terem visto morrer Jesus, aquele que estava a ser a nova esperança para as suas vidas, aquele que lhes tinha dado um novo alento às suas vidas. Perante esta situação, Jesus vai ao seu encontro e, em diálogo com eles, dá-lhes uma nova leitura da realidade que estão a viver. Não lhes muda a realidade mas permite-lhes perceber que a causa pela qual tinham dedicado a sua vida estava bem viva e aquele que os tinha guiado até aí, estava bem vivo e se entregava diariamente, na repartição do pão e do vinho. Perante esta nova leitura da realidade, que eles não eram capazes de fazer por si próprios, recuperaram a esperança e perceberam que podiam continuar a seguir Jesus porque ele continuava vivo na Eucaristia. Perceberam que, juntando-se aos restantes discípulos e com a força da Trindade, podiam continuar ao obra que Jesus tinha começado.

Com base na nossa experiência passada, podemos confiar que Deus também nos vai ajudar a passar esta crise, se, da nossa parte, fizermos tudo o que estiver ao nosso alcance. Entremos em relação com o Senhor e deixemos que, à semelhança dos discípulos de Emaús, Ele nos faça uma leitura de esperança de toda a situação que se vive. Neste preciso momento, Deus está a actuar em todo o mundo, incutindo esperança, paciência, compaixão e misericórdia num sem número de pessoas que seguem e ouvem a Sua palavra.

Acreditemos que, se aderirmos a Deus, não estaremos sós, longe disso. Como os discípulos de Emaús, podemos-nos unir a todos os outros cristãos e com a ajuda de Jesus ressuscitado, nos anos vindouros, a partir de um sem número de pequenos gestos de amor, realizados por inúmeras pessoas “normais”, poderemos criar uma nova onda de solidariedade, compaixão e misericórdia, criando uma nova sociedade mais justa, equitativa e amorosa.

Família Missionária Verbum Dei

Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

_Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

_Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

- _da oração;
- _do ministério da Palavra;
- _do testemunho de vida evangélica.

Calendário das Actividades da Comunidade.

Dez 10 a 12

Retiro de Silêncio - Vale de Lobos, 09h30

Dez 14 a 16

Retiro On-line (de Advento/Natal)

Dez 17 a 19

Encontro de Natal Jovens Fraternos - Paróquia do Campo Grande, 19h

Jan 15

Ponto de Encontro, 2º Conselho, Aniversário da FaMVD e Renovação de Compromissos - Vale de Lobos, 09h30

Jan 28 a 30

Encontro Vocacional - local e hora a confirmar
2ª Formação de Acompanhamento - Vale de Lobos, 09h30

Fev 19

Encontro "Dia dos Namorados" (1ª vez) - Vale de Lobos, 09h30 às 18h

Fev 25 a 27

Retiro de Silêncio - Vale de Lobos, 21h

Fev 26

Ponto de Encontro da FaMVD - Vale de Lobos, 09h30 às 13h

Mar 1 a 3

Retiro On-line (de Quaresma)

Mar 11 a 13

Retiro de Animadores - Vale de Lobos, 21h

Mar 18 a 20

Retiro de Silêncio - Vale de Lobos, 21h

Mar 26

Encontro Nacional da FaMVD, Fátima, hora a confirmar

Fraternidade Missionária Verbum Dei

Rua José Lins do Rego, 7 - 1ºdto. 1700-262 Lisboa
Tel: 217950957 fax: 217963529

Vale de Lobos
Tel: 219623847

verbumdeilisboa@gmail.com
www.verbumdei.org/lisboa
www.jovens.vebumdei.org